



LETTING HER LEAD

THE GHOST RIDERS CLUB



ALEXA RILEY





TRT

Disponibilizado: Juuh Alves

Tradução: Fátima

Pré-Revisão: Thais B.

Revisão Inicial: Thais B.

Revisão Final: Mari P. Tati e Karoline

Leitura Final & Formatação: Juliana

Letting Her Lead (Ghost Riders MC, #3)

by Alexa Riley

Sinopse

Lucias Houston é o presidente do Ghost Riders MC. Ele carrega o clube nos ombros com nada além de seus irmãos na mente. Até que coloca os olhos sobre ela.

Elizabeth — Izzy — Force é uma veterinária que passa seu tempo ou trabalhando ou em jogos online. Sua vida é simples e ela a ama... Até que um filhote de bulldog aparece acompanhado do homem mais sexy que já viu.

Eles vêm de dois mundos diferentes, mas que estão prestes a colidir. Lucias conseguirá convencer Izzy que ele vale o risco?

Aviso: Este é um livro de MC como nenhum outro. Não há engano, sem putas, e tem todo amor dos livros de Alexa Riley. Prepare-se e suba!

Capítulo Um

Izzy



Sentada na ponta da cama, no escuro, esfrego os olhos tentando aliviar um pouco da tensão. Mesmo após o banho, ainda sinto o dia estressante. Pelo menos estou de folga da clínica por uns dias. Talvez eu possa, finalmente, recuperar o sono perdido.

Infelizmente, estou realmente aliviada quando recebi o telefonema do departamento de polícia dizendo que meu irmão estava na cadeia. Ele não vai estar fora até ver o juiz, e não há nada que possa fazer por ele até esse ponto. Isso tira as coisas das minhas mãos e não tenho que decidir se estou disposta a desembolsar mais dinheiro para tirá-lo. Mais uma vez. Quem estou enganando? Sei que o faria sem hesitar.

— Sinto muito, vovó. — Sussurro.

Não importa o quanto tente, não consigo manter meu irmão longe dos problemas. Ele tem um encanto pelo crime, e sei que agora está com uma gangue de motociclistas. Não sei muito sobre isso. Passo meus dias trabalhando e minhas noites com o meu nariz enfiado num livro. Ou invadindo com a minha sociedade. Meu irmão e eu não poderíamos ser mais diferentes. Como pudemos dividir um útero, não tenho ideia.

Somos gêmeos, mas enquanto eu fui para a faculdade, tive notas perfeitas e não queria nada com sexo, festas e drogas, isso é tudo que Dusty fez. Não sei o que ele faz para ganhar a vida, mas sempre parece ter uma tonelada de dinheiro tão rapidamente como ele parece estar quebrado. Meu palpite seria drogas. Ele colocou a nossa avó, que nos criou, no inferno até ela morrer.

Voltando a me cobrir, começo a deitar quando ouço um barulho vindo da frente da casa. Procuro o telefone na mesa de cabeceira e não acho nada. Merda. Deixei-o na sala de estar junto com meu laptop. Merda dupla.

Espero mais um segundo, só para ter certeza que não estou enlouquecendo, mas então ouço outro som.

Abro a gaveta de cabeceira e pego o revólver do vovô. O tenho mantido na gaveta

desde que meu irmão voltou para casa. Não que esteja com medo dele. Não, estou com medo das companhias dele. Vim para casa mais cedo uma noite para encontrá-lo e a outros três homens na sala de estar e, depois disso, não tive mais paz.

Seus olhares fizeram meu sangue gelar. Dusty me puxou de lado e repreendeu por ter vindo para casa mais cedo e interrompendo-o no que quer que esteja fazendo. Tinha que ligar antes de ir para minha própria casa? Esta casa é igualmente nossa. Foi deixada para os dois por nossa avó, mas ele não vive aqui há anos. Até recentemente. Por mais que me irrite ter que ligar para avisar que estou indo para casa, o fiz depois disso, porque não tenho o desejo de ver seus amigos nunca mais.

Não sei merda nenhuma sobre gangues de motoqueiros, mas o que eu sei, é algo que quero distancia. Fico com meus parceiros Warcraft¹ e amigos de batalha. Nunca conheci nenhum deles pessoalmente, mas duvido que se pareçam com os amigos do meu irmão.

Lentamente abro a porta do quarto e ouço de novo. Desta vez, não há nada. *Talvez fosse o vento*, penso, esperando por alguns minutos, ainda sem ouvir nada. *O alarme teria disparado*, continuo dizendo a mim mesma.

Ando pelo corredor e estou quase na sala de estar quando um som atrai meus olhos para a sala de jantar. Sem pensar, grito e puxo o gatilho. O som é mais alto do que pensei, o recuo fazendo meu braço recuar, e largo a arma.

— Merda, merda, merda! — Ouço uma voz de mulher exclamar antes que eu esteja esmagada por um corpo tão grande que parece feito de pedra e tira o ar dos meus pulmões.

O quarto é inundado com luz e olho para o rosto mais assustador que já vi. Cicatrizes cobrem o rosto irritado. Os olhos azuis são mortais. Empurro contra ele e ele realmente se levanta, mas me leva junto, agarrando meu braço num aperto inquebrável.

— Encontre-o. — O cara estranho ruge, a voz tão assustadora quanto o rosto. Um cara alto e magro anda pela casa, e estudo o homem ainda segurando meu braço. Ele é tão grande quanto uma rocha. — Ela está perdendo sangue. — Olho e vejo um homem de joelhos ao lado de uma mulher de cabelos escuros que está segurando a perna.

— Merda, Sherlock. — A mulher pressiona o buraco. — Fui baleada. Vincent vai me matar. Posso ouvir sua raiva. Estive com armas toda a minha vida. Minha vida inteira da porra. Nunca fui baleada. E nessa missão de merda, esta coisa me acerta.

Seus olhos vão para mim, e ela me olha tão brava que poderia apavorar até o cara estranho. Eu sófico lá. Não consigo formar uma frase quando vejo o que está na minha frente.

Nem tenho certeza se estou respirando agora.

— Nada, cara. Ninguém aqui. — O cara magro volta a se juntar a nós, um pouco sem fôlego. — Ela é a cadela dele? — Ele pergunta, apontando para mim.

Sei que falam do meu irmão. Olho ao redor vendo todos usando couro. A mulher de cabelos escuros inclinada faz a escrita na parte de trás fácil de ler. Ghost Riders.

— Sabia que deveria ter atirado naquela merda com mais que uma bala de borracha. — Diz a mulher, tentando levantar. Mas quando ela o faz as pernas falham e ela cai de bunda.

— Droga, Casper! Fica quieta porra.

— Não vou para o hospital. — Ela empurra o homem e vejo a mancha de sangue aumentar.

— Pare com isso! Você está tornando pior. Precisa de atenção médica. Pontos, pelo menos. Isso é muito claro. — Exclamo, incapaz de me ajudar.

— Você é médica ou algo assim? — O homem cheio de cicatrizes agarrando o meu braço pergunta, me olhando.

— Não, sou veterinária.

— Bom o bastante. Coloca Cas no caminhão e limpe o sangue do chão.

O homem ao lado de Cas a pega e sai pela porta, enquanto ela murmura sobre um cara chamado Vincent. Por que o alarme não disparou? O cara magro pega a arma caída e limpa o sangue no chão com sua camisa.

— Tem um kit médico?

Aceno com a cabeça.

— Bom. Pegue. Se tentar alguma coisa... — Ele não tem que dizer o que vai acontecer se tentar. Recebo a mensagem alta e clara. Não vou tentar nada.

Ele finalmente me deixa ir, e corro para a porta da frente e pego o saco médico que guardo para emergências.

— Certifique-se de que tudo está limpo. Não sei se alguém ouviu o tiro. — O cara das cicatrizes ordena.

— Entendi, Savage. Vejo-o no clube.

Savage me agarra pelo braço mais uma vez e me puxa para fora. Quando o ar frio atinge minhas pernas, percebo que estou usando apenas uma camisa que mal atinge o meio da

coxa, roupa íntima e meias.

Começo a protestar, mas ele me empurra no caminhão. Cas está deitada no banco de trás, e o homem que a levou está atrás do volante. Savage, que é a personificação do nome, bate a porta e informa meu destino.

— Ela morre, você morre.

Capítulo Dois

Lucias



— Vamos, Ham. Hora de dormir.

Não me levanto da cadeira no escritório porque sei que Ham, meu buldogue inglês, vai levar vinte minutos para levantar. É um nome apropriado. Pensei que ter um mascote no clube era uma boa ideia, e pensei que ter um cão de segurança seria ainda melhor. Mal sabia que teria o cão mais preguiçoso do planeta. Ele dorme quarenta horas por dia e não levanta a cabeça nem se ouvir um tiro. A única vez que o vi saltar foi ao ir ao veterinário. O cão mudo realmente fica animado quando o levo. Realmente não posso culpá-lo, porque também fico animado quando a vejo. Ela é parte da razão pela qual tenho Ham.

A primeira vez que pus os olhos nela estava no supermercado. Tive que ir e pegar algumas coisas para o clube, e lá estava ela no corredor de cereais segurando uma caixa de Cinnamon Toast Crunch.

Ela parecia uma pequena coisa doce com o cabelo castanho-escuro num coque bagunçado e os grandes óculos escorregando na ponta do nariz. Estava vestindo uma camiseta larga com estampa do Pac-Man, leggings de gatinhos e vans roxos sem meias. Lembro-me que estava sem meias porque havia nada perto da pequena tornozeleira de ouro, e me lembro de querer colocar seu pé sobre o ombro e lambe-la. Deus, era um doce corpo. Uma coisinha minúscula com coxas grossas e bunda grande. Amei que ela fosse cheinha. Sempre gostei de meninas grandes e ela estava me fazendo ter fantasias loucas com um olhar rápido.

Quando dei um passo para me aproximar, notei uma senhora mais velha indo até ela e dizendo seu nome.

— Doutora Izzy! Tentei ligar para a clínica durante toda a semana. Minha gata, a Princesa, teve dor barriga por três dias. Tenho que levá-la para você.

— Izzy. — Sussurrei seu nome, sentindo-o em meus lábios. Vi quando ela andou com a senhora para fora da loja e para fora da minha vida. Mas sabia onde encontrá-la. Há apenas uma clínica veterinária na cidade, e poderia falar com ela lá. O único problema era que não

tinha um animal.

O hacker do MC, Knox Aka Scribe, me ajudou a encontrar um cão, mas não expliquei o porquê. Acho que ele suspeita de alguma coisa, mas nunca falou nada. Quando fomos escolher o cão no abrigo, ele trouxe um filhote de cachorro enrugado, mas tive que admitir que era bonitinho. Parecia gordinho e dormia cada hora do dia, por isso o nome Ham².

Levar Ham ao veterinário à primeira vez foi como ir num encontro às cegas, só que seu encontro não sabia disso. Entrei no consultório e preenchi a papelada para Ham, depois sentei para esperar. Quando fui chamado, o assistente veterinário olhou para ele e disse que o veterinário chegaria em breve. Esperei, olhando Ham dormir no chão o tempo todo, sem notar o mundo. Estava usando meu colete porque pensei que fosse melhor colocar as cartas na mesa, mas me pergunto se foi a ideia certa.

Quando Izzy entrou, seu rosto se iluminou e ela sorriu, só que não para mim. Estava olhando Ham e imediatamente ajoelhou, pegando-o e abraçando. Nunca odiei tanto um animal na vida. Ela não fez mais que me dar um segundo olhar.

Ela era toda negócios, nem mesmo me olhando ao colocar Ham na mesa e examinar. Ela falou em voz alta, mas não fez contato visual quando tentei fazer perguntas. Izzy foi mais que profissional e me respondeu, mas não parecia perceber-me com o cachorro no quarto.

Logo antes dela sair, ela colocou Ham no chão e, finalmente, - finalmente - virou-se para mim. Ele saltava em todo lugar, juro, nunca o vi mais ativo. Mas o ignorei, olhando Izzy. O cabelo castanho-escuro ainda estava no coque bagunçado e os olhos castanhos me fitavam por trás dos óculos. Usava um jaleco, mas por baixo tinha uma camisa do Yoda.

— Gosta de Star Wars? — Foi à coisa mais estúpida que disse, e quis me chutar.

Ela me olhou corando e assentiu levemente.

— Sim, hum, com o meu último nome e tudo, é meio necessário.

Olhei para ela em confusão quando ela me disse para ter um dia agradável e saiu. Saí com Ham preguiçosamente atrás de mim e, finalmente, vi o nome na porta. Doutora Elizabeth Force.

Fiquei ali como um idiota. Não sou normalmente um bastardo arrogante, mas realmente não tenho problema em conseguir a atenção de uma mulher. Acho que só assumi que ela me acharia bonito e me daria atenção. Vi naquele momento que eu teria trabalho pela

frente. Porque eu tinha que ter essa mulher.

Vê-la tão inocente e doce, me fez querer abraça-la como ela fez com Ham. Quando saí do consultório, olhei para ele, e juro por Deus, o pequeno bastardo estava sorrindo. Ele sabia que essa eu perdi.

Voltei ao veterinário uma dúzia de vezes nos últimos meses. Ela ainda não me deu atenção, olhando apenas Ham a cada vez que fomos. Quando finalmente a convidei para sair, ela me olhou como se eu fosse louco. Disse que eu era o presidente de um moto clube, e não iria sair com um de nós.

Quando vi Ham finalmente arrastar o traseiro do sofá no meu escritório, levantei e caminhei para fora, com ele me seguindo lentamente.

De repente, as portas traseiras abriram, e vejo Scribe transportando Cas que tinha a perna sangrando. Adrenalina tomou minhas veias quando pensei sobre o que fazer. Corri em direção a eles quando Scribe colocou Casper numa das mesas de bilhar e ela soltou um grunhido.

— O que aconteceu? — Grito para todos.

— Esta coisa pequena atirou nela. E ela vai consertar. Não é? — Ouço Savage dizer atrás de mim.

Virando, eu preparo para rasgar quem atirou no meu sargento de armas. Mas quando meus olhos encontram Izzy, fico congelado.

— Você! — Ambos dizemos ao mesmo tempo.

Capítulo Três

Izzy



Olho para o homem que só tem me enlouquecido nos últimos meses. Nunca quis ficar longe de alguém tão rápido, mas ao mesmo tempo querer beijá-lo. Ele me deixava nervosa e animada, ao mesmo tempo. Temia e adorava ver seu nome na agenda da clínica. Ele levava o pequeno buldogue por qualquer motivo. Era bonito, e tinha começado a me conquistar um pouco.

Como alguém poderia ser tão o feroz presidente de um MC e ao mesmo tempo ser tão atencioso com o cão era surpreendente. Isso tinha que significar algo, certo? Mas agora não estou me sentindo quente e animada. Não. Nervosa e com medo é mais exato para esse momento.

Ele caminha para longe, e fiquei completamente chocada quando ele me convidou para sair semanas atrás. É quase risível pensar em nós juntos. Ele é bonito de um jeito diferente. Com o curto cabelo escuro e olhos cor de chocolate, sempre parece ter um pouco de barba no rosto. Entre a barba e tatuagens, ele realmente personifica um motoqueiro. Provavelmente carrega uma arma e dá um soco em pessoas que o olham torto. Mal posso fazer contato visual às vezes, e a única arma que já usei, além da do meu avô, foi com minha equipe de Warcraft. Não que isso seja qualquer coisa para evitar. É, afinal, lendário.

— Solte-a. — Lucias diz. O cara gigante chamado Savage libera meu braço rapidamente, como se eu estivesse em chamas, mas o tom de Lucias não deu espaço para discussão. Me estico e esfrego o local, não por doer. Estou feliz de estar livre. Bem, não realmente livre.

— Onde diabos estão suas roupas? — Os olhos de Lucias vagam sobre mim, parando em minhas pernas.

— Não estava realmente preocupado com suas roupas no momento, Pres. — Savage responde.

Lucias afasta os olhos de mim e vai para Casper, que foi tirada da mesa de bilhar e

colocada num sofá. Quando entrei no caminhão, cortei a calça jeans, e dei alguns pontos rápidos. Tive que usar o que estava no caminhão porque Cas só queria ser costurada rapidamente. Algo sobre não querer que seu homem visse. Ela nem sequer piscou quando comecei. Ela apenas xingou e continuou olhando o telefone. Fiz o melhor que pude com o veículo em movimento. Deve ficar bem, contanto que não pegue uma infecção.

— Cas. — Lucias diz apenas uma palavra.

— Não. Não estou bem. Vincent vai me matar. Nunca vou para de ouvir sobre isso. Nunca. — Ela pega o telefone mais uma vez, digitando, não parecendo estar com dor. Mais irritada que qualquer coisa. Ela, na verdade, nem sequer parece com raiva de mim que atirei nela. Mais chateada consigo mesma. Ou o que quer que esse Vincent fosse fazer.

Ele vai até ela, olhando sua coxa. Afasta o curativo para olhar para a ferida antes de coloca-lo de volta, balançando a cabeça.

— Você fez isso? — Ele olha para mim, e desta vez não posso ler seu rosto. Puta merda, estou de pé sem calças malditas, no meio de um MC depois que atirar em um deles. Puxo a parte inferior da camisa, tentando deixa-la mais cumprida.

Não tenho certeza se ele quer dizer o curativo e pontos, ou o tiro, então apenas aceno porque, inferno, eu fiz as duas coisas.

— Alguém quer me dizer o que aconteceu? — Ele olha ao redor para todo mundo, e então noto que outros homens se juntaram a nós. Vou dar um passo atrás, mas bato em Savage, o que me faz saltar. Jesus, ele ocupa todo o espaço por aqui.

— O que aconteceu é que Vincent nunca vai me deixar sair de casa novamente. Ele já me segue. Estou chocada que não tenha cheirado o sangue e esteja aqui. — Cas gemeu antes de deitar cabeça no sofá, ignorando a pergunta de Lucias.

— Fui para procurar Pinch. Ele não estava em casa, mas sua cadela sim. — O homem que carregou Cas diz.

Franzo meu rosto quando ele diz sua cadela. Por alguma razão, ouvir o nome de meu irmão desmorona tudo. Sinto um caroço crescer na garganta, mas tento segurá-lo, mordendo o interior da bochecha, esperando que a dor vá detê-lo.

Sinto meu corpo ir relaxando, e começo a me sentir fria. Estou parando de funcionar. A adrenalina está deixando meu corpo, e aperto o punho, na esperança de parar o tremor que sei que vai vir.

Todo o corpo de Lucias parece solidificar com o olhar fixo em mim. Posso praticamente sentir a raiva pulsando dele em ondas.

— Você pertence à Pinch. — O desgosto é claro em sua voz, e não soa como uma pergunta. Mais como uma acusação. Ele deixa escapar uma bufada irritada. — Não mais, você não pertence mais a ele.

Que diabos isso significa? Tipo, ele vai me matar?

Sinto minhas pernas começam a tremer, e antes que perceba Savage me pega pela cintura, impedindo que eu caísse. Estou chocada que ele se importou o suficiente para me segurar.

Sou rapidamente puxada dos braços de Savage para os de Lucias.

— Eu voltarei. Ninguém vai à porra de lugar nenhum.

— Que diabos foi isso? — Ouço Cas dizer, e então alguns outros murmuram quando Lucias me leva da sala.

Não tenho energia para lutar com ele. Qual é o ponto? Só descansar minha cabeça contra seu peito enquanto ele sobe um conjunto de escadas. E então realmente noto que estamos numa casa gigante.

Subimos dois lances de escada até chegar ao terceiro andar. Há duas portas, uma em cada extremidade. Uma porta se abre e uma pequena mulher loira aparece, dando-nos um olhar estranho.

— Savage está lá embaixo. — Ele diz a mulher. Ela apenas acena antes de um meio-sorriso surgir em seu rosto.

No final do corredor, ele abre uma porta antes de me soltar numa cama. Ele me olha por um minuto, e sinto meu coração parar. Corro para o outro lado da cama, e Lucias apenas levanta a mão e aponta para mim.

— Nem sequer pense em tentar sair. — Com isso, ele se vira, saindo pela porta que acabou de abrir e ouço a chave rodar.

Capítulo Quatro

Lucias



Fico do lado de fora da porta que acabei de trancar. Descanso minha testa contra ela e pressiono ambas as mãos na madeira, querendo desesperadamente voltar lá.

Meu coração afundou quando disseram que ela era de Pinch. Como poderia pertencer a um merdinha desses? Nunca pensei que seria o tipo de homem que tiraria uma mulher de outro, mas parece que é isso que está prestes a acontecer, porque de nenhuma maneira vou devolvê-la a ele.

Empurro-me para longe da porta e volto ao andar de baixo para descobrir o que diabos está acontecendo.

Quando chego lá, vejo todo mundo perto de Casper. Eles dão um passo para trás quando me veem, e olho para ela.

— Qual o problema? — Pergunto a ninguém em particular.

— Vincent está a caminho. — Savage murmura, e reviro meus olhos. Todos agem como se ele fosse queimar o lugar. Ele tem um temperamento quando se trata de Casper, mas nunca faria nada que pudesse realmente aborrecê-la.

— Vocês estão todos em pé ao redor como se fosse um funeral. Savage, Julie está de esperando. Scribe, vai para o meu escritório. O resto de vocês limpa. Ele vai ficar puto pra caralho quando ver Cas como está e prefiro não tornar isso uma cena.

Os caras se afastam, e eu olho para Cas sentada no sofá.

— Você percebe que pode haver um funeral. — Ela diz, parecendo derrotada.

Coloquei minha mão em seu ombro e sorrio para ela.

— Ele vai ficar puto pra caralho, Mackenzie.

Rio quando ela cobre o rosto e rosna. Amo essa mulher como uma irmã, então não posso ajudar e cutuco o urso. Ela pode estar fazendo beicinho sobre o que Vincent vai dizer quando vê-la, mas ela não está enganando ninguém. Ela gosta de como ele age.

Virando para ir embora, vejo Vincent entrar no clube e fazer o caminho mais curto para Cas. Entro no escritório e fecho a porta atrás de Scribe antes da merda bater no ventilador.

Tomo o meu lugar na minha mesa, vejo Ham no sofá com Scribe. Knox Robertson é nosso contador/hacker e tem uma razão para o apelido. Ele mantém registros de toda a merda e gasta cerca de noventa por cento do tempo no computador. Se ele não estiver no computador, está na moto fazendo merda do clube. Pelo que ouvi, tem uma longa fila de mulheres atrás dele, mas ele ainda não vai se deixar uma segurá-lo.

— Então, o que diabos aconteceu esta noite? — Pergunto, querendo toda a história.

— Fomos atrás de Pinch. Quando essa merda desceu com os Five Aces mês passado, fui pesquisar e descobri que nosso prospecto tinha algo a ver com isso.

Scribe está falando de quando os Five Aces vieram ao nosso território e foderam nossa loja. Só alguém com informação privilegiada teria conseguido fazer essa porra. Entraram pelos fundos e foderam tudo. Temos três outras lojas na cidade, mas parece que os Five Aces tem um olho nelas, também.

Quem lhes deu essa informação poderia ter feito por alguns motivos: estava tentando fazer um nome, tinha uma tonelada de dívidas, ou precisava de uma solução e esta foi à única maneira de tê-la.

Tínhamos equipes de construção no local logo após o golpe, mas vai levar tempo e custar dinheiro, não só em reparos, mas com os negócios perdidos. Esta é uma dor de cabeça maior do que sempre quis lidar, mas como Presidente do clube, é meu trabalho.

A porta se abre e Savage entra, balançando a cabeça e rindo.

— O quê? — Scribe e eu perguntamos ao mesmo tempo.

— Se não me engano, Vincent está dizendo que vai atirar no próprio pé e ver se Cas gosta. Não sei. Saí quando ela puxou a arma e se ofereceu para fazê-lo.

— Então, sinal de Pinch? — Digo, mudando de assunto e voltando para o problema.

— Nenhum. — Scribe diz, olhando para o telefone. — Posso buscar mais. Se aparecer, será o primeiro a saber.

Olho para Savage. Ele está preocupado comigo e a menina no andar de cima. Ele conhece-me tão bem que não temos que falar. Já passamos por dez toneladas de merda juntos, então ele sabe quando algo está errado.

— Eu tenho isso. — É tudo o que tenho a dizer antes dele balançar a cabeça e sair.

— Vou voltar para cima. Grita se você precisar de ajuda. — Savage diz antes de ir para sua Julie.

Viro-me para Scribe e limpo a garganta. Ele levanta o olhar do telefone e dá de ombros.

— Desculpe, estava cancelando o ataque que faria essa noite.

— Como eu soubesse o que isso significa. Volte para a casa da veterinária e traga algumas roupas malditas. Ela vai ficar aqui por um tempo. E pegue seus óculos. Ela não vê nada sem eles.

Ele levanta a sobrancelha para mim, mas simplesmente ignora.

— Vou fazer, Pres. — Diz ele, se levantando. — Vamos, Ham. Você pode ser meu copiloto.

Mordo o lábio inferior para não sorrir. Scribe tem uma cadeirinha feita especialmente para Ham, e odeio admitir isso, mas pode ser a coisa mais fofa do mundo ver um bulldog usando óculos enquanto monta ao lado dele.

Ham salta feliz e vem até mim se despedir. Acaricio atrás de sua orelha, dizendo que pode ir, e então salta atrás de Scribe.

— Cuidado com ele. — Grito quando eles saem. Scribe apenas ignora.

Quando saio do escritório, vejo que Casper e Vincent estão indo também. Não ouvi uma arma disparar, então suponho que resolveram tudo.

Só tem um lugar que quero estar, mas ao subir as escadas para meu quarto, cada passo é mais pesado que o último. O que vou fazer com ela lá dentro?

Do lado de fora da porta, dou uma batida antes de entrar. Como explicar a Izzy que ela é minha?

Capítulo Cinco

Izzy



— Merda. — Fecho o laptop de forma rápida e corro para a cama quando ouço sons no corredor. Deito e fecho os olhos, tentando acalmar a respiração.

— Linda, de volta na cama. Você precisa descansar, baby. — Ouço Savage dizer. Eu reconheço sua voz, mas o tom é completamente diferente de antes. É suave e doce. Nunca teria pensado que sua voz poderia ser suave.

— Estou bem, Abe. Estou grávida e não doente. — Ouço uma voz de mulher responder.

— Vai para cama e eu vou comer sua buceta até você desmaiar. — Minha boca cai aberta com as palavras grosseiras, mas é estranhamente quente.

— Vai fazer isso de qualquer maneira. — Ouço um grunhido, então um riso, antes da porta fechar.

Solto a respiração, percebendo que o ruído não era Lucias voltando para a sala-quarto que estou começando a pensar que é dele. O lençol tem seu cheiro. Me repreendo por gostar do cheiro um pouco demais.

Este homem está te prendendo, Izzy. Ele não é o homem doce que leva o cachorro a cada duas semanas.

Espero um minuto, e quando não ouço nada, corro de volta para o laptop e abro novamente.

A tela bloqueada aparece, mais uma vez, me atormentando. Quantas vezes pode tentar adivinhar uma senha antes que trave? Pergunto-me se trava uns minutos e depois posso tentar novamente ou se bloqueia permanentemente. Não quero que ninguém saiba que estava tentando usá-lo. Tento o nome do cachorro, mas sem sorte. Em seguida, tente o nome que eu li no colete. Nada.

Gemo quando não funciona. Vamos.

Ouço outro ruído e corro para a cama novamente, fechando os olhos, para quem quer

que fosse pense que estou dormindo. Só posso imaginar o que está acontecendo lá embaixo. O olhar no rosto de Lucias quando disse o nome de meu irmão estava cheio de ódio.

Dou graças a Deus por ele estar na cadeia porque tenho a sensação de se Lucias o pegar, as coisas não serão boas. Ele pode me deixar louca e acho que precisa levar uns tapas, mas não quero machucá-lo. Ele é meu irmão. Meu gêmeo. E disse a vovó que cuidaria dele.

Tenho que avisá-lo que essas pessoas estão o procurando. Quais as chances que o homem que tanto me afetava estivesse de alguma forma ligado com meu irmão? Talvez as chances fossem mais elevadas que pensei. Não tenho ideia de como um MC funciona, mas sei que Lucias está em um e sei que meu irmão anda com um também.

A experiência que tive com o que meu irmão trouxe para nossa casa me mostrou que não quero me misturar com algo parecido. É a razão pela qual continuei ignorando Lucias. Sem mencionar que ele estava fora do meu alcance e não quero dizer somente na aparência. Quero dizer na vida.

Só posso imaginar o que se passa neste clube se metade do que eu li nos livros de romance for verdade. Não quero nem saber o que aconteceu nesta cama em que estou. Estou começando a pensar que este é seu clube, mas se tivesse que adivinhar como um clube parece, não seria assim.

Quando ouço a porta abrir, fico extremamente agitada, tentando fingir dormir. Ouço a porta fechar e passos pesados se aproximarem da cama. Quando sinto dedos tocando minha bochecha direita, leva tudo para não abrir os olhos. O cheiro de Lucias me bate forte, e sei que é ele. Relaxo sabendo que é ele e não outra pessoa.

Ouço um “porra” e passos indo embora. Em seguida, o laptop é aberto. Merda. Merda. Merda.

— Não conseguiu adivinhar a senha, eu vejo. — Sua voz profunda diz, mas parece que está sorrindo. Não respondo, basta continuar a fingir. Não tenho certeza se ele sabe que estou fingindo, mas não vou me entregar.

Ouço mais movimentos, então sinto a cama afundar. Lucias me puxa para ele, envolvendo seu corpo no meu.

Oh. Meu. Deus. Ele está sem camisa. Posso sentir meu coração acelerar. Ele bate alto, e me pergunto se posso ouvi-lo. Ou é alto o suficiente para ele ouvir, também? Suas pernas nuas tocam as minhas, fazendo-me pergunto se ele está nu. Ele não pode estar nu. Sinto meu corpo aquecer, e tenho certeza que estou vermelha. Nunca na minha vida estive na

cama com um homem, a menos que conte quando era criança e Dusty e eu gostávamos de adormecer juntos assistindo filmes.

Seu rosto vem até meu pescoço como se estivesse tentando enterrá-lo lá, então sinto um beijo, suave e quente. Mordo meu lábio, feliz que ele não pode ver o meu rosto deste ângulo. O rubor tem que estar mostrando. A luz não é muita, com apenas uma lâmpada acesa, mas tenho certeza que pode ver ao me olhar diretamente. Posso sentir o calor em minhas bochechas.

Ele dá outro beijo, depois outro, subindo meu pescoço. O braço que tem em torno da minha cintura me puxa ainda mais perto quando ele continua a atacar meu pescoço. Espero. Ataque é a palavra certa? Não sei se deveria dizer-lhe para parar ou apenas continuar fingindo. Tenho a sensação de que ele sabe. Não acho que muitos enganem Lucias.

Quando ele chega a minha orelha, puxa o lóbulo na boca, sugando antes de dar uma pequena mordida.

— Deveria ter adivinhado já que é seu nome.

Capítulo Seis

Lucias



A sinto tensa debaixo de mim, mas continuo segurando-a firme.

— Por que meu nome é sua senha?

Correndo meu nariz ao longo da concha de sua orelha, beijo o pescoço e respiro seu cheiro.

— Você sabe que te quero há um tempo, Izzy. — Ela para de se mover completamente, e juro que poderia ouvir um alfinete caindo. — Não achei que iria acontecer assim, apesar de tudo. Mas, enquanto tiver você na minha cama, acho que não importa.

— Você me chamou para sair e eu disse não. É isso o que você faz com as mulheres que dizem não?

Ela está chateada, e isso me faz sorrir. Gosto de como é atrevida.

— As mulheres não dizem não pra mim, baby. — Rio contra o pescoço dela e dou outro beijo, e posso sentir a tensão rolando dela.

— Deixe-me sair desta cama. Não quero dormir onde você teve uma linha de prostitutas. Vou acabar pegando uma doença aqui.

Jogando minha perna sobre a dela, a seguro apertado e sento um pouco para olha-la.

— Você não vai a lugar nenhum. Além disso, não disse que teve outras mulheres aqui. Basta dizer que elas não me derrubaram como você. — Sinto-a relaxar um pouco, e me inclino para sussurrar em seu ouvido novamente. — Nenhuma mulher jamais esteve nesta cama, e não estive com nenhuma desde o dia que pus os olhos em você.

Sinto-a tremer debaixo de mim, e fecho os olhos, desejando que não ter nada entre nós.

— Sei que você não pode ser minha, mas estou esperando que se ficar aqui tempo suficiente vai querer continuar. Que vai esquecer dele e me escolher. — Ela toma uma respiração e começa a dizer algo, mas lentamente subo sua camisola, apoiando-a em seu

quadril. — Shhh. Não diz não de novo, bebê. Hoje à noite só quero ficar aqui e te abraçar. Prometo não fazer muito. Basta um pouco de carinho.

Flexiono os dedos contra seu quadril. Posso sentir sua calcinha, e daria qualquer coisa para virar a camiseta e ver de que cor é. Mas agora, só quero dormir com ela. Talvez isso seja tudo o que vou ter. Inferno, esta poderia ser a única noite com ela, mas vou aceitar, se significa que ela está em meus braços.

Acordo algum tempo depois, deitado de costas com Izzy em cima de mim. Ainda está escuro lá fora, e a pequena lâmpada não faz muito para me ajudar a vê-la. Sinto seu corpo suave respirar em cima de mim, e sorrio. Acho que em algum momento rolei e ela subiu em mim ou eu a levei comigo. De qualquer maneira, ela está em cima de mim, e vou deixá-la.

Suas coxas estão espalhadas em ambos os lados dos meus quadris, e meu pau duro está lutando contra a cueca, tentando ir para ela. Posso sentir seu calor através do material, e tudo o que posso pensar é puxar a calcinha para o lado. Quero afundar em seu calor e ficar lá. Nem mesmo foder. Só quero estar dentro dela.

Sua boca está contra meu pescoço, e posso senti-la respirar. Ela faz um pequeno ruído, e congelo, não querendo que ela acorde e se mova. Esfrego suas costas suavemente e ela volta a dormir. Seu corpo se move apenas um pouco, e maldição sua buceta esfrega contra meu pau. Cerro os dentes e seguro minha respiração, pensando que se permanecer completamente imóvel vai ficar tudo bem.

Mas Izzy geme em seu sono e move os quadris novamente, e não acho que posso segurar mais tempo. Estive duro como rocha durante toda a noite com ela na minha cama, e sentindo sua vagina exuberante me fará gozar num piscar de olhos. Quero que ela pare, mas ao mesmo tempo quero que continue. A dor é profunda em minhas bolas, e algum tipo de liberação seria perfeito. Mas, ao mesmo tempo, não quero tirar vantagem dela enquanto dorme, o que é loucura, porque a tenho sequestrada e tirada de seu homem.

O pensamento de Pinch tocando este corpo me deixa com raiva, então afasto o pensamento. Ela é minha agora, ela querendo ou não.

Seus quadris se movem contra meu pau de novo, e isso me faz recuperar o fôlego. Os lábios contra meu pescoço têm-me tão perto da borda que não posso segurar por mais tempo. Quando tenho esse pensamento, ela se move de novo, e desisto da luta.

Gozo em mim, pulsando na cueca boxer e tentando meu melhor para não me mover. Nada seria mais constrangedor do que ela acordar nesse momento. Mordo meu lábio quando

o orgasmo empurra através de mim e o prazer quente da liberação se espalha pelo meu corpo. É forte e profundo, mas me mantenho calmo e não perturbo Izzy.

Quando finalmente acabou, respiro fundo e volto a esfregar suas costas. Meu pau ainda está duro como rocha, e eu ainda quero transar com ela tão ruim que quase posso sentir o gosto. Mas é o suficiente para agora.

Enquanto fico nessa tortura prazerosa, sentindo suas curvas contra mim, começo a adormecer. Assim que estou prestes a sucumbir, ouço algo que soa vindo de longe.

— De nada.

Capítulo Sete

Izzy



— Não podemos fazer isso aqui. E se alguém nos pega? — Não faço nenhum movimento para afastá-lo. Na verdade, trago minhas mãos para seu peito nu, correndo os dedos através do pelo lá. A mão de Lucias vem para meu cabelo, segurando um punhado e inclinando a cabeça para lhe ter melhor acesso ao meu pescoço. Esfrego-me contra ele. Estou em cima dele numa das mesas de exame na clínica, me esfregando como se não pudesse chegar perto o suficiente.

— Nunca deixaria isso acontecer. — Ele beija e lambe meu pescoço, dando pequenas mordidas que me fazem formigar. É uma sensação doce e áspera, ao mesmo tempo, como ele. Tudo sobre ele parece duro, mas quando ele abre a boca, é sempre doce. Não faz sentido na minha cabeça. Não posso entendê-lo. Parece que ele poderia bater o inferno fora de alguns caras e nem mesmo suar, mas quando seus olhos me encontram não é isso que vejo. Às vezes me parece um filhote que quer brincar, implorando por atenção. Mas o jogo de Lucias não é inocente.

Minhas mãos soltam seu cabelo e sinto falta instantaneamente.

— Toque-me. — Gemo, moendo contra ele com mais força. O atrito acerta meu clitóris. Quero suas mãos em mim. Quero isso por tanto tempo e vou aproveitar o momento.

— Eu não posso. — Sua voz soa estrangulada, quase dolorida. Sei que ele também precisa de mim, mas não entendo por que não me toca. Nem sequer me beijou. É outra coisa sobre Lucias que não soma.

— Te quero há muito tempo. Você nem vai me beijar? — Odeio soar tão necessitada. Gosto mais quando ele me persegue. Faz-me sentir especial. Desejada.

Ele geme o som vibrando em seu peito, e juro que eu sinto que todo o caminho até meu núcleo.

— Porra, você vai me matar. Quatro anos no deserto eu aguentei, mas essa coisa curvilínea vai ser minha morte. — Sinto a respiração de suas palavras contra meu pescoço.

Viro a cabeça, querendo sua boca, ainda esfregando contra ele.

Sua cabeça vira e encontro seu pescoço. Queria sua boca, mas vou ter isso. Faço em seu pescoço o que ele fez com o meu. Beijar e chupar.

— Pegue o que quiser. Usa-me. Pega o que precisa, baby.

Balanço meus quadris, esfregando meu clitóris para cima e para baixo em sua ereção. Meus mamilos estão mais duros que já senti antes. Cada parte de mim parece estar doendo.

— Eu sofro Lucias. Eu preciso... — Sua mão bate em minha bunda, o tapa fazendo meu corpo subir. O orgasmo me rasga quando todo meu corpo treme de prazer.

— Merda, merda, merda! Ela gosta forte. — O ouço resmungar.

A picada na minha bunda se transforma num delicioso latejar, e é aí que os meus olhos abrem. Estava sonhando. Ou não? Estou olhando para o pescoço de um homem. Um pescoço que tem um chupão claro como o dia nele.

Oh. Meu. Deus.

A noite anterior vem à tona. Estava sonhando. Quase. Não estou na minha clínica. Estou em cima de Lucias, montando-o enquanto gozo.

Lentamente me afasto, se eu saísse devagar o suficiente, ele poderia desaparecer e não vou morrer de vergonha. Mas, então, meus olhos encontram os dele. Não posso ler seu olhar, então desvio o olhar.

Meus olhos viajam até seu rosto, onde as mãos estão puxando o próprio cabelo e parece doloroso.

— Você me deu um tapa. — Acuso. É a primeira coisa que posso pensar. Preciso ficar longe do fato de o usei para meu próprio prazer.

— Tentei não tirar proveito, mas é difícil quando tem o seu sonho de menina da porra rastejando em cima de você, pedindo-lhe para tocá-la. — Ele range as palavras e está chateado.

Sento-me completamente até estar montando seu corpo. Seu corpo parece tenso, como cada músculo se esforçando para permanecer parado.

Meus olhos voltam para a marca em seu pescoço. Eu fiz isso? Não, eu não faria. Eu não dou chupões... Ou me esfrego em homens até gozar.

— Você tem um chupão. — Digo a ele, tentando soar com nojo. Eu não fiz isso. Ele

claramente esteve com outra pessoa.

Uma mão solta seu cabelo e vai para o pescoço. Ele sorri.

— Você está na cama comigo e tem o chupão de outra menina no pescoço. — Digo firmemente.

Ele resmunga quando se senta, seus pés indo para o lado da cama, a mão apertando o nariz, claramente frustrado comigo.

— É esse o problema? Você acha que sou um prostituto ou algo assim? Já disse que não tive mulher nenhuma aqui e não toquei em nenhuma desde que te vi.

—Oh. É claro que você não as tocou. Você simplesmente as deixa... Elas... — Gesticulo, incapaz de encontrar as palavras certas, mas então me lembro o que ele disse.

Pegue o que quiser. Usa-me. Pega o que precisa, baby.

Por que ainda estou lutando contra isso? Estou sequestrada. É como o meu cérebro se transformou num orgasmo, e estou com ciúmes do homem que deveria estar batendo, não me importando com quem dorme em sua cama.

— Me usam? — Ele deixa cair a mão do rosto, inclinando a cabeça para me olhar. Seus olhos vagam sobre meu corpo, fazendo-me sentir nua.

Sinto calor correr por minhas bochechas. Eu o usei. Então ele bateu na minha bunda. E gostei totalmente. Pensar nisso faz a deliciosa dor retornar.

— Você é a única pessoa em todo o mundo de porra que deixaria me usar. — Com isso, percebo. Ele está vestindo apenas cueca boxer, e então dou uma olhada em todas as tatuagens que sempre quis ver. Elas sempre aparecem por debaixo das roupas, fazendo-me coçar para empurrar as mangas e vê-las. Agora posso ver cada polegada.

— Vou dizer de novo. — Ele se inclina, colocando uma mão sobre a cama ao me olhar. — Você é minha. — Seus olhos viajam por todo o meu corpo, e eu juro que eu posso senti-los na pele como um toque possessivo.

— E isso. — Sua outra mão agarra o pênis através da cueca. — É seu. Pode usá-lo sempre que quiser. Somente você. —Então ele me dá um meio sorriso. — Bem, eu vou ter que usá-lo até que possa ter essas coxas que pertencem a mim se abrindo para me receber.

Meu queixo cai. Eu deveria estar enojada, mas juro que meus mamilos ficaram mais duros.

Sequestrada, raptada, sequestrada, repito para mim mesmo.

— Não fique tão chocada, Izzy. Suas coxas foram feitas para mim. Assim como este pau só pode ficar duro para você.

Ele lambe os lábios, os olhos indo para a junção das minhas coxas e as abro um pouco. Não acho que poderia ter parado a ação por nada no mundo. Sua mão deixa o pênis, indo para a cama. Suas intenções são claras. Ele está vindo para mim.

Um estrondo na porta me faz saltar. Me viro para olhar.

— Sei onde Pinch está. — Ouço alguém dizer do outro lado da porta.

Sua expressão de vou-te-comer some e suas feições endurecem. Na verdade, tenho certeza que isso é ciúme. Não quero pensar porque gosto disso. Ele ainda pensa que eu sou “a cadela” de Pinch, como Savage disse.

Ele sai da cama.

— Não se mova. — Ele se vira para até a porta. Eles vão atrás de Pinch. Eu pulo da cama e corro. O ultrapassando, me apoio na porta, impedindo Lucias de abri-la.

— Por favor, não o machuque. Por favor. — Eu imploro. Posso sentir meus olhos cheios de lágrimas.

— Você o ama, não é? — Seu rosto parece enojado, como se as palavras realmente deixassem um gosto ruim na boca.

Eu apenas aceno.

A mão de Lucias voa, batendo na parede e atravessando o concreto, me fazendo pular e gritar.

— O que diabos foi isso? — O homem do outro lado da porta grita, mas não tenta entrar.

Empurro-me contra a porta. A ação é inútil. Não há lugar para ir, e medo toma meu corpo.

— Droga. — Ele rosna. — Sinto muito. Não tenha medo. — As mãos dele seguram meu rosto, fazendo-me olhar para ele. — Não gosto que sinta medo de mim. Eu nunca a machucaria, mas não posso dar-lhe de volta para ele. Eu não vou. Ele é um homem morto andando, Izzy.

As lágrimas começam a fluir agora. Ele encosta a testa na minha.

— Você tem que salvá-lo. Eu farei qualquer coisa. — Sussurro. — Qualquer coisa. —

Tento novamente.

— Está oferecendo-se para mim se eu deixar Pinch vivo? Se eu não mandar o clube atrás dele?

Eu lambo os lábios e aceno.

— Não importa o que isso me faz parecer, mas vou aceitar. Ninguém do clube vai atrás dele. Você é minha. Não que já não fosse.

Eu li nas entrelinhas. Alguém está atrás do meu irmão.

— Alguém mais quer machucá-lo?

— Acho que podem querer fazer mais que feri-lo. É mais uma questão de quem o pega primeiro. Eu o queria pelas informações, também.

— Traga-o aqui, pega sua informação, e o mantenha seguro. — Sugiro. Estou tentando colocar Dustin num lugar seguro. Ele é um merda, mas é *meu* merda. Tenho que tentar salvá-lo, devo isso a minha avó.

— Não vou deixar você perto dele. Te disse, você é minha. — Ele vem com essa ideia de “minha” novamente, como se dissesse o suficiente, seria verdade, e estou supondo que para ele é assim. — Não posso sequer acreditar que deixou aquele porra te tocar.

Coloco minhas mãos em seu peito, tentando acalmá-lo um pouco. Preciso dele ao meu lado. Se aprendi alguma coisa nas últimas doze horas, é que os sentimentos de Lucias por mim são mais profundos do que pensava. Ele ficou chateado quando pensou que estava com medo dele. Ele parece não gostar das minhas lágrimas. Como se ouvindo meus pensamentos, ele se inclina, beijando uma gota escorrendo pelo meu rosto. Toda a coisa dura e doce que ele é está brilhando forte.

— Lucias, Dustin ou Pinch, o que quiser chamá-lo, fez mais que me tocar. — Sinto seu corpo enrijecer em minhas mãos, um rosnado saindo dele. — Ele dividiu um útero comigo.

Capítulo Oito

Lucias



Suas mãos caem, e imediatamente as quero de volta em mim, mas fico lá por um segundo, entendendo o que ela disse. Ela acabou de dizer o que acho que disse?

— Vocês dividiram um útero? Como irmão e irmã?

Izzy lentamente balança a cabeça e olha para mim com olhos suaves.

— Gêmeos.

Ela levanta o canto de sua boca como eu fosse idiota por não ter isso imediatamente. Mas o pensamento nunca passou pela minha cabeça. Pensei ter ouvido que ela era sua, mas não parei para pensar se era verdade. Ao pensar, sinto a tensão em meu coração sumir. Esteve lá, apertando-me desde o momento em que ouvi que ela era sua. Sabia que nunca iria deixar que nada ficasse no caminho para ela ser minha, mas de repente não há sequer um vislumbre de barreira no nosso caminho, e estou cheio de alívio e necessidade.

Soltando um suspiro, me inclino contra ela e descanso minha testa na sua. Bom Deus. Nunca quis alguém assim antes.

— Izzy... — Sussurro, mas minhas palavras são cortadas por Scribe batendo na porta novamente.

— Pres. Precisamos sair.

Afastando-me, tomo seu queixo nas mãos e dou um olhar severo.

— Não acabamos aqui.

— Lucias, apenas por favor, não o machuque.

Foda-se, não há nada que eu não daria a ela. Tudo o que ela tem que fazer é pedir e é dela. Mesmo que ele mereça estar morto pelo que fez ao clube, ela significa mais do que isso. Ela significa mais para mim que o clube.

Essa percepção bate forte, mas não tenho tempo para pensar.

— Te encontro lá embaixo em cinco. — Digo através da porta, e ouço Scribe sair.

Olhando Izzy novamente, gostaria de poder pegá-la e levá-la para a cama, mas não há tempo.

— Por favor. — Ela pede, colocando as duas mãos no meu peito nu.

Agarro seus pulsos, não os afastando, mas mantendo-os perto de mim.

— Você é minha. Quando eu voltar, vamos acertar algumas coisas. Mas eu te possuo.

Olho em seus olhos para confirmação, e a vejo acenar com a cabeça. Tiro suas mãos do meu peito e beijo cada uma, sentindo o pulso acelerar. Sei que se beijar seus lábios, não vou ser capaz de parar. Vou precisar de mais. Apenas esta pequena amostra terá que ser suficiente até eu voltar.

Vou para o armário e pego jeans e uma camiseta preta. Os coloco rapidamente, enquanto assisto Izzy voltar para a cama e sentar-se. Quero voltar para lá com ela tão ruim que tenho que desviar o olhar. Vê-la ali, exatamente onde a quero, está me deixando louco de necessidade.

Quando coloco minhas botas, vou para a porta, mas sem olhar para ela. Se o fizer, não vou sair. Estou segurando o último pedaço de força que me resta para conseguir dela.

— Não deixe este quarto. Estarei de volta em breve. — Com isso sai pela porta e a tranquei.

Antes de descer as escadas, aperto a mão na porta, desejando poder senti-la uma última vez. Nunca estive assim com ninguém com ninguém. É como se ela me despertasse, e agora não quero voltar a dormir.

Fazendo meu caminho para baixo, vejo Scribe encostado na mesa de bilhar com Ham aos seus pés. Ham me vê chegando e me encontra para ganhar um carinho. Uma vez o fiz, ele vai para meu escritório e sobe no sofá, rolando de costas e espalhando as pernas. Ele vai dormir assim pelas próximas vinte e duas horas.

Olho para Scribe e espero que ele dê a informação.

— Descobrimos que ele está hospedado numa cabana no lado leste da cidade. — Ele me entrega um papel com fotos de onde ele está. — O achei graças a um dos revendedores. Acho que ele está na cabana, usando até não poder mais. Não demorou muito para fazer o traficante falar. Pinch lhe devia também. Parece que ele tem merda vindo de um monte de lugares. É apenas uma questão de tempo antes que ele morra.

— Ok. — É tudo o que digo antes de colocar o papel no bolso.

— Nós vamos? — Scribe pergunta, e balanço a cabeça.

— Você vai ficar aqui com Izzy. Eu preciso ter certeza de que ela está protegida enquanto estiver fora. Vou levar Savage.

— Saímos quando quiser.

As palavras de Savage vêm de trás, e quase rio. Como esse filho da puta gigante é tão silencioso, nunca vou saber.

— Tudo bem em ficar, Scribe? — Pergunto, querendo me certificar que estamos todos na mesma página.

— Sim, não se preocupe. Tenho algumas incursões para pôr em dia. — Ele pega o telefone e começa a tocar atentamente enquanto sai do escritório.

— Sabe o que isso significa? — Pergunto a Savage. Nunca consegui entender o que Scribe fala.

— Não. Tenho minha mulher. Não tenho tempo para mais nada.

— Preciso que as coisas sejam diferentes esta noite. — Digo, colocando minha arma e colete.

Savage olha para mim para perguntar se tem alguma coisa a ver com Izzy. Silenciosamente aceno com a cabeça, e ele balança a cabeça de volta em entendimento. Nossas conversas silenciosas sempre dizem o que não podemos falar voz alta.

— Eu olho você. — Savage diz quando levanta e sai.

Enquanto se dirige para fora e o sigo, pensando em Izzy. Nem bem sai e estou pronto para voltar para ela. Preciso disso resolvido. Estou pronto para fazê-la minha em todos os sentidos.

Capítulo Nove

Izzy



Fico olhando a porta trancada, rezando para Lucias cumprir sua palavra. Que ele vai encontrar meu irmão e mantê-lo seguro. Olho para o laptop e hesito em tentar usá-lo novamente já que sei a senha, mas chego à conclusão que não seria útil. Lucias é minha única esperança no momento, e ele não parecia querer me machucar, mesmo depois que atirei em um dos dele. Era mais como se ele quisesse me foder.

Meu rosto aquece com a lembrança do que fiz esta manhã. O chupão em seu pescoço quase como uma marca. Seguro a maçaneta e tento abrir a porta, mas está trancada. Ele precisa de uma chave para abrir e fechar. Não tenho planos para sair, mas não ficar só no quarto. Pergunto-me se Casper está aqui, ou ela está em sua casa. Parecia que este lugar tinha vários quartos quando Lucias me trouxe aqui. Gostaria de saber como ela está. A culpa pelo tiro atinge meu estômago.

Eu poderia ter razão, mas simplesmente ferir pessoas não é minha índole. Passei grande parte da minha vida curando, e isso é algo que amo demais. Caminho até a cômoda e procuro a chave. Acho cuecas na primeira gaveta. Tenho que dobrar um milhão antes de caírem em mim. Já fiz tanto isso que nem penso na ação.

Vou para outra gaveta e encontro uma camisa. A coloco. Marinha está escrito no peito, e chega aos meus joelhos, cobrindo muito mais que minha camisa. Lucias era um fuzileiro naval? Realmente não sei muito sobre o homem. Quando ele foi à clínica, evitei conversar por causa das coisas que me fazia sentir. Ele também me assustou um pouco depois do desentendimento que tive com os motoqueiros que meu irmão trouxe para casa.

Parte de mim estava culpada por juntar-me aos homens que vi com meu irmão, mas também preciso lembrar que Lucias tinha planos de ferir Dusty. Que ele mandou alguém entrar na minha casa, e agora estou trancada em seu quarto e ele continua se referindo a mim como “sua”. Quero bater cada vez que diz isso, e não tenho certeza se é porque gosto, o que me deixa louca, ou se só estou brava.

Eu começo todas as gavetas procurando algo para arrombar a fechadura e termino

com as mãos vazias. As únicas coisas que ele parece ter são roupas, alguns revólveres, e o laptop. Estou estranhamente feliz que tudo o que encontro em sua mesa de cabeceira é uma arma e não uma caixa vazia de preservativos. Na verdade, não encontro nenhum. Ou ele disse a verdade sobre não trazer mulheres aqui, ou simplesmente não usa proteção.

Empurrando meus pensamentos invejosos volto a tarefa. Abrindo a gaveta de cima sobre a mesa, quando encontro uma pilha de papel juntos. Solto o clipe e começo a desentortá-lo. Esta é uma coisa útil que meu irmão me ensinou.

Demora um pouco, mas finalmente abro. Abro a porta e vejo uma pequena mulher loura e grávida em pé na porta ao lado, a mesma que vi a cabeça ontem. Congelo, sem saber o que fazer.

— Vai fugir dele, não é? — Ela pergunta esfregando a barriga.

— Não? — Sai mais como uma pergunta, mas sinceramente não planejo fugir.

Ela me olha.

— Não posso te perseguir. Eu poderia me machucar, e isso iria perturbar meu marido.

— Qual deles é seu marido? — Não sei por que pergunto. Não é relevante. A ira de qualquer um deles seria terrível.

— O bonitão. — Ela diz sonhadora, como se eu fosse saber qual é. Eles são todos lindos, exceto...

— Você sabe. Aquele que geme muito e não perde uma chance. — Ela termina, como se estivesse lendo minha mente. Em seguida, fecha a porta. Os tinha ouvido no corredor ontem à noite. Seu marido é Savage. Definitivamente a ira da última pessoa que eu quero.

Ela é tão pequena. Não posso nem imaginar os dois juntos, mas é claro que ele colocou um bebê nela.

— Só queria verificar Casper. — Digo a ela, esperando que ela vá me deixar sair.

— Ouvi que atirou nela! Cara, aposto que ela está louca. — Ela sorri como se fosse engraçado.

— Ah sim. Eu não queria. Eu... — Tropeço nas palavras, sem saber o que fazer com toda essa conversa. — Você sabe onde posso encontrá-la?

— Provavelmente em seu quarto. Acorrentada na cama com o rosto de Vincent entre as pernas, se os gemidos que ouvi na última hora forem indicação. — Ela aponta para uma porta no corredor.

— Ela realmente não deveria estar fazendo isso.

A loira começa a rir.

— Nada neste mundo inteiro pode manter Vincent longe de Casper. Ele queimaria esse lugar se alguém tentasse.

Dou um sorriso amarelo. De que outra forma deveria responder a isso? Os homens aqui são claramente obcecados com suas mulheres. É estranhamente doce e não era algo que esperava num MC, mas nada do que vi até agora foi o esperado.

— Se você a ver ou esse cara o Vincent, pode dizer que quero saber como ela está? Certifique-se que nenhuma infecção esteja se instalando. — Pergunto quando começo a fazer o caminho pelo corredor antes da lourinha me dizer para voltar para o quarto.

— Sim. — Assim que estou prestes a passar por ela, ela segura meu braço. — Ele é um cara bom e não vai te machucar. Eles são assustadores, mas não mordem quando se trata das mulheres que se preocupam.

Apenas aceno. Talvez ela esqueceu que estou sendo mantida refém. Não fui ferida, mas ainda assim.

— Vincent trabalha para o FBI. Não tente escapar. Ele vai garantir que ninguém acredite numa palavra que sai de sua boca se correr para a polícia. — Ela diz, soltando meu braço.

— Policial corrupto. — Respondo, não gostando da ameaça. Eu entendo, mas ainda não gosto.

— Vincent faria qualquer coisa por Casper, e Casper ama este clube. Isso significa que ele o protege. Se cuidar de algo que ama é ser corrupto então acho que todos nós somos. — Com isso, ela se vira e fecha a porta, deixando-me sozinha no corredor.

Capítulo Dez

Lucias



Quando Savage e eu voltamos para o clube, é quase amanhecer e tudo que quero fazer

é ir para o quarto e rastejar na cama com Izzy. É bom saber que ela está lá. Algo que estou querendo há meses está finalmente na ponta dos dedos. Encontramos Pinch com uma garota na periferia da cidade. Ele tinha ido lá numa tentativa de se esconder quando saiu da cadeia. Quando Savage e eu chutamos a porta, o merdinha começou a implorar pela vida. Ele sabia o que estava por vir. Seu tempo acabou.

Deixamos a menina ir, e ela estava muito ansiosa para abandona-lo e fugir com o estoque de drogas. A deixamos correr pensando que era o fim da linha para ele. Precisávamos dela para espalhar a palavra que resolvemos as coisas e pudesse manter minha promessa a Izzy. As pessoas iriam pensar que Pinch estava morto.

Conseguimos bater um pouco, sem causar muito dano. Ele precisava de algum tipo de retribuição por tudo que fez para foder os Ghost Riders. Ele estava como prospecto e teve informações suficientes para vendê-la pelo maior lance. O garoto era inteligente. E realmente estúpido.

Estalo meus dedos enquanto caminhamos pensando na surra que ele levou. O garoto chorou como uma cadela, mas acho que recebeu a mensagem. Tive a certeza que ele soubesse que Izzy era minha e que não pensasse em procura-la. Expliquei que o clube decidiu lhe dar um presente e poderia manter a vida, mas se qualquer um de nós visse sua sombra, ele estava morto.

Ele concordou em sair da cidade e nunca mais voltar, desde que soubesse que a irmã iria ser protegida. Acho que uma parte dele, no fundo, ainda se importava com ela, mas não o suficiente para colocar-se em perigo. Pessoalmente, acho que estava esperando por alguém tirá-lo ou terminar a situação, e parecia pronto para dar o fora.

— Você falou com Julie? — Pergunto a Savage enquanto caminhamos para casa.

— Sim. Ela quer ver os pais. Vou encontrá-la em casa depois de resolver essa merda.

Bato levemente nas costas dele, indo para o escritório.

— Sim, vai ficar com sua família. Vamos sair mais tarde.

Ao ouvi-lo decolar, o cansaço me atinge. O sol está chegando, mas estive acordado a noite toda e tudo que quero fazer é ir lá para cima e encontrar Izzy.

Preciso ir ao escritório e checar com Scribe antes de fazer isso, assim caminho até lá. Quando chego à porta fechada, seguro a maçaneta e antes que eu possa abrir, ouço Izzy rir. Sei que é seu riso porque já a ouvi rindo para Ham. Ela adora o cachorro maldito, e isso me deixa tão excessivamente ciumento que poderia cuspir pregos. De repente raiva está me

dominando e abro a porta, querendo saber quem está a fazendo rir no meu lugar.

Izzy está no sofá do meu escritório jogando num computador no colo, Ham ao lado dela. Scribe está sentado na cadeira do outro lado da sala no laptop também. Quando me ouvem entrar, param uma fração de segundo e, em seguida, voltam para os laptops como se eu não estivesse ali.

— Que porra está fazendo?

— Incursões. — Scribe diz não olhando para cima. — Sabe quem trouxe aqui? Um dos melhores curadores Paladin de Mal'Ganis. Não posso acreditar. Temos invadido noite toda. Ela é incrível. — Ele olha para cima e pisca para Izzy, fazendo-me estreitar os olhos.

— Mal'Ganis? — Digo a palavra, ignorando o que diabos isso significa.

— Warcraft. — Izzy diz, ainda não olhando para cima. — Você sabe, a horda!

— Não ligo para o que ela é. Ela não vai invadir nada com você.

Sinto como se eu pudesse passar por cima da mesa e rasgar a garganta dele, e quando vou fazê-lo, sinto a mão de Izzy no meu braço. Ela está vestida e de óculos, e acho que isso significa que Scribe trouxe sua merda.

— Como foi? — Ela sussurra e olha para Scribe e depois para mim. — Tudo certo?

Vejo preocupação em seus olhos e imediatamente quero confortá-la. Toda a minha raiva derrete e quero fazê-la se sentir melhor. Coloquei a mão em seu rosto e aceno.

— Sim. Como prometido. Tudo certo.

Ela solta um suspiro, como se estivesse segurando o tempo todo, e sinto que fiz algo certo. Pela primeira vez em muito tempo, sinto que alguém está orgulhoso de mim. Não tive esse sentimento desde que eu era fuzileiro, e era muito muito bom. Dirigir um MC é uma tarefa ingrata. Há uma tonelada de merda para fazer e cuidar, e ninguém nunca para para te dar um tapinha nas costas. É cansativo, mas tento me focar. Mas agora, vendo Izzy me olhando, parece que pela primeira vez quero responder a alguém. Talvez seja porque ela está grata, e talvez seja porque sente essa conexão louca que existe entre nós há meses. De qualquer maneira, sou egoísta o suficiente para tê-la enquanto posso.

Puxando-a para mim, sinto sua suavidade contra mim, e preciso de mais.

— Scribe, saia.

— Claro, chefe. — Ele se levanta, levando o laptop com ele, e ele está fora do escritório em três segundos. Não posso deixar de rir. Não acho que ele levantou os olhos do

laptop ao sair.

— Você estava a noite fazendo essa merda com Scribe? — Sinto-me bravo novamente, mas ela apenas sorri e acena com a cabeça.

— Sim. Knox é realmente bom.

Odeio a maneira como diz seu nome, e me sinto rangendo os dentes.

— Talvez eu te ensine a jogar algum dia.

Há esperança em sua voz. Ela está falando de coisas que há um futuro. Gosto disso. Muito.

— Você saiu do quarto. — É uma afirmação, não uma pergunta, mas ela responde de qualquer maneira.

— Sim. Mas não para fugir.

Puxando-a ainda mais perto, olho profundamente em seus olhos suaves.

— Por que não?

As mãos dela descansam em meu peito, e sinto seu calor através da camiseta.

— Fiz uma promessa, Lucias. Sou sua, e não vou a lugar nenhum.

— Venha para a cama. — Sussurro, precisando ouvir um sim.

Ela morde o lábio inferior e, em seguida, dá o que quero. O pequeno aceno é tudo o que precisa e estou a jogando por cima do ombro e subo as escadas. Ouço Ham nos seguindo, e não posso deixar de rir. Sim, eu a também a seguiria para qualquer lugar, amigo.

Capítulo Onze

Izzy



Lucias me deita na cama, caindo de joelhos entre minhas pernas. Tenho que abri-las para acomodar seu grande corpo.

— Disse a mim mesmo que não me importava. Que iria tomar o que ofereceu, mas... — Ele estende a mão, correndo o dedo por minha bochecha, em seguida, afasta a mão. Ele parece inseguro. É um olhar que nunca vi nele. Em todas as vezes que veio a clínica, mesmo quando recusei seu convite, ele ainda manteve o sorriso e acenou, em seguida, me convidou de novo na próxima semana.

— Diz que não está aqui apenas porque mandei a bunda do seu irmão para fora da cidade. Diga que quer isso.

— Eu quero isso. — As palavras vêm facilmente, porque são verdadeiras. Venho lutando há meses. Com medo que este homem poderia me machucar, não por causa de seu estilo de vida, mas pelas emoções. Não vou colocar rótulos e julgar. Amei que ele não teve problemas em provar que estou errada e derrubar cada parede que levantei.

Simplesmente não consigo ver como poderíamos nos encaixar, e talvez só tenhamos essa noite, então vou aproveitar.

Ele me puxa da cama, deslizando-me em seu colo e me fazendo monta-lo. Sua boca toma a minha, o beijo é suave e doce quando sua língua desliza em lábios. Não é o que esperava quando ele me deixou da cama como se precisasse de mim naquele instante. Mas a tensão que sinto em seu corpo diz que ele está se segurando, e não quero isso.

Uso uma mão para agarrar sua camisa e puxá-lo mais perto, não querendo espaço entre nós. Houve meses de espaço, e não mais isso. Minha outra mão vai para o seu cabelo enquanto mexo contra ele, aprofundando o beijo, empurrando-me nele. Sinto o cume de seu pênis, e eu começo a me mover contra ele.

Lucias rosna em minha boca quando me pega e minhas costas atingem a cama. Ele sobe em mim, nunca quebrando o contato de nossos lábios. Coloco minhas pernas em volta

dele, querendo sua deliciosa ereção contra mim.

— Porra. Devagar, devagar. — Lucias pede, puxando a boca da minha e a levando para meu pescoço. Sei que ele está falando para si mesmo, e sinto poder feminino, o conhecimento que sou capaz de deixar este homem de joelhos. Mal sei o que estou fazendo e parece prestes a se perder. Puxo sua camisa, querendo pele com pele, necessitando seu contato mais que minha próxima respiração.

Não sei por que ele quer ir devagar. Eu quero isso. Agora. Está se construindo há meses, e tudo desaba sobre mim.

— Lucias, por favor. — Imploro. Oh, como as coisas mudaram nas últimas vinte e quatro horas. Antes o queria longe e agora não quero espaço entre nós.

Ele pega minhas mãos, que estavam tentando tirar sua camisa, e as prende acima da minha cabeça.

— Baby, tem que me dar um segundo.

— Lucias, eu te dei meses. — Posso ouvir a necessidade em minha voz.

Ele deixa cair sua testa na minha, respirando fundo.

— Como tudo que sai da sua boca parecer tão fofo e sexy ao mesmo tempo?

Lambo meus lábios e me esfrego nele, fazendo-o grunhir novamente. Nem sabia que um homem poderia fazer esse ruído.

— Estou na borda, baby. Quando voltei aqui ainda tinha um pouco de controle, então te vi rindo com Scribe, o que me deixou cheio de ciúmes da porra. Queria arrastá-la para o quarto e bater a merda nele, porque te fez rir. Ele é meu irmão e queria mata-lo. Não dou a mínima.

Ele deixa escapar uma respiração irregular e continua.

— Então você está dizendo merda a horda e incursão. Não sei o que o inferno isso significa e está me deixando mais duro.

Minha respiração acelera.

— Te tenho no meu quarto e está finalmente dizendo o que quero que diga há meses. Meses! Sonhando com isso, querendo isto, andando por aí com uma ereção que não consigo abaixar, não importa quantas vezes me toque. Mas continuo tentando, porque é a única opção que tenho. Porque se não é você, não é ninguém. Soube assim que te vi.

Ele quer que me acalme e vá devagar, mas isso não vai ajudar. Só piora as coisas. Quanto mais ele fala, mais o quero. Mais me apaixono por ele.

— E aqueles malditos óculos. Você me mata com eles. Imagino-te sem nada, só com os óculos e um coque bagunçado, deitada na minha cama. Soltando o cabelo enquanto te fodo, fazendo amor com você.

— Pode fazer isso. Agora, Lucias. — O quero muito. Ele está me fazendo ama-lo, e quanto mais ele fala, mais acredito. Não é como se estivesse tentando me conquistar. Estou me entregando para ele e não poderia ter mais certeza. Ele está tendo que segurar minhas mãos para que eu não o ataque.

— Eu sei, baby. Essa é a coisa. Eu quero que seja perfeito. Quero ir devagar e saborear cada momento.

— Ok. — Concordo, respirando fundo.

— Agora. Vamos tirar essas roupas e fazer a fantasia que tenho nos últimos dois meses realidade. E começa comigo provando cada polegada de seu corpo.

Capítulo Doze

Lucias



Eu puxo Izzy até ela estar sentada no meio da cama. Descendo, tiro sua camiseta azul-marinho com estampa de cachorro. Não posso deixar de sorrir, em seguida, gemo quando vejo que usa um sutiã rosa e delicado por baixo.

A visão da pele cremosa contra o rosa pálido me tem ofegante. Indo para sua cintura, retiro os shorts e vejo que usa calcinha combinando. Com os cabelos presos no alto da cabeça e os óculos no nariz, é tudo o que posso fazer para não explodir na calça. Ela é a mistura perfeita entre a professora impertinente e a virgem inocente.

Segundo a cabeça nas mãos esfrego os olhos, e a observo.

— Como pode ser real? — Sussurro.

Ela sorri com tristeza, e num movimento sensual abre as pernas. Quando vejo a mancha molhada na sua calcinha, a agarro.

Mergulho o rosto na sua buceta, segurando seus quadris, e a faço gemer. Jogo suas pernas sobre meus ombros e pressiono a boca contra o tecido rosa. Posso sentir seu cheiro através do material, e ainda tenho um gosto. Sua fragrância doce me leva além do controle e começo a comer sua vagina coberta pela calcinha.

— Lucias. — Ela engasga quando minha boca tenta ter tudo dela.

Não quero nada entre nós, mas estou sem controle para parar e pensar. Tenho que tê-la entanto posso, então apenas continuar chupando e lambendo, ignorando a calcinha no caminho.

Os gemidos de Izzy enchem meus ouvidos, e eles definem o ritmo da minha boca. De repente, sinto seus dedos contra minha bochecha, e então eles estão afastando a calcinha para que possa a ter completamente.

Olho para sua bonita e brilhante buceta. Com poucos pelos, os lábios implorando para serem sugados, e o clitóris molhado de necessidade.

— Foda-se, Elizabeth. Olha que coisa apertada. Deus é muito bom.

Seus dedos agarraram meu cabelo, e seus quadris se elevam a minha boca. Ela está oferecendo-se a mim, e sou o bastardo egoísta que vai levá-la.

— Diga de novo.

Sorrio e pressionar meus lábios em sua coxa.

— Dizer o que, baby? Quão apertada é?

Ela geme e levanta os quadris novamente, desejando que minha boca estivesse nela.

— Meu nome. Diz meu nome.

— O que quiser Elizabeth. A qualquer momento, em qualquer lugar, diz a palavra e é seu.

Abro minha boca sobre seu sexo e dou longas lambidas. Sua doçura toca minha língua, e fecho os olhos, gemendo com o sabor. Ela cheira a canela e tem gosto de xarope de bordo. A lambo completamente e caio mais profundo em sua armadilha a cada gota. Se ela é a aranha, então terei prazer em ficar preso em sua teia eternamente. Se esta é a maneira que vou morrer, então vou partir com um sorriso no rosto.

— Oh meu Deus, oh meu Deus. Eu não vou aguentar.

Suas palavras estão em pânico, e agarro seus quadris para que ela não possa se afastar.

— Minha. — Rosno em sua vagina e volto a lambê-la.

Sinto suas pernas apertarem meu rosto, mas não paro. Ela está perto de gozar, e serei amaldiçoado se ela tirar meu doce quando está prestes a sair. Quero cada gota de seu orgasmo, e quero agora.

— Estou gozando! — Ela grita, e depois meu nome ecoa pelo quarto.

Agarrando suas coxas, a seguro firme, e bebo tudo o que está me dando. Seu gozo atinge minha língua, e me sinto um deus. Eu fiz seu corpo gozar. Dei a mulher que amo exatamente o que precisava e ela aceitou com prazer. O poder é inebriante, e meu pau está mais dolorido que nunca. Se eu não estiver dentro de sua vagina, meu pau pode apenas cair e morrer.

Beijo um caminho até seu corpo, tirando minhas roupas no caminho. Quando chego a seus seios, solto o sutiã, libertando-os. Os seios caem livres, e minha boca vai para um

mamilo duro. Tomo o mamilo duro em minha boca e o mordo. Quando ela deixa escapar um gemido, passo para o outro, conseguindo a mesma reação.

Quando chego ao pescoço e boca, ela está ofegante novamente, e me dá um beijo profundo. Ainda posso sentir o doce sabor de sua buceta quando sua língua encontra a minha. O cheiro dela na minha barba por fazer e a sensação do corpo macio sob mim é o suficiente para me deixar louco.

— Preciso de você. — Digo entre beijos e fico entre suas pernas.

Quando meu pau bate contra sua abertura, ela não recua. Em vez disso desliza contra mim, como se me procurasse.

— Preciso de você, também, Lucias.

Ouvi-la gemer meu nome faz-me entrar, e estou empurrando em sua abertura apertada. Há um momento que a sinto enrijecer quando paro em uma barreira. A olhando, meus olhos se arregalam, e ela morde o lábio.

Não quero perguntar ou constrangê-la, então coloco meu rosto em seu pescoço e meus braços a envolvem. Ela me puxa e aperta as pernas ao meu redor tentando me fazer ir para dentro dela. Eu sei o que ela quer, e eu estou tentando colocar em minha mente o fato dela ser virgem.

— Elizabeth. — Sussurro quando empurro, entrando em sua buceta intocada.

Ambos paramos quando ela ofega, e eu tento não gozar instantaneamente. Seu canal apertado está tirando minha vida, e me concentrando em não machucá-la ao gozar tão rápido. É muito possivelmente a coisa mais difícil que já fiz, mas causar dor é a última coisa que quero.

Depois de um momento, seus dedos começam a se mover contra minhas costas em movimentos suaves. Beijo seu pescoço e sussurro como é linda e quão boa se sente. Quero dizer-lhe obrigado. Obrigado por me salvar e me deixar ser o primeiro. Obrigado por me deixar entrar em seu corpo agora e para o resto de nossas vidas. Isso pode ser muito depois de apenas empurrar para casa pela primeira vez, então mantenho a última parte para mim. Em vez disso continuo dizendo quão perfeita ela é.

— OK. Vou devagar.

Olhando em seus olhos, tiro o cabelo de seu rosto e me movo um pouco. Ela sussurra no início, mas depois de alguns golpes superficiais, se ajusta. Meu tamanho é acima da média,

e ela está tendo dificuldade em me levar. Mas está forçando-se, porque acho que queremos que aconteça.

— Devagar, baby. O que quiser Elizabeth. — Ela sorri quando digo seu nome completo, e me comprometo a fazê-lo o tempo todo se isso significa que ela gosta.

Tomamos nosso tempo e lentamente definimos um ritmo. Temos todo o tempo, por isso não há pressa. Agora que estou dentro, não quero mais sair. Então, quando ela implora para gozar, hesito, não querendo que acabe.

Quando finalmente faço o que ela pede e esfrego seu clitóris apenas porque ela quer, ela goza no meu pau, provocando meu próprio orgasmo, e não posso parar. Sei que ela é virgem e provavelmente deveria sair, mas não me importo. Deixo minha espessura dentro dela enquanto gozo, sabendo das consequências.

Ela poderia ser minha para sempre, penso comigo mesmo. O pensamento me faz sorrir, e beijo seus lábios precisando dela mais uma vez.

Capítulo Treze

Izzy



— Quem diabos é você?

— Umm. — Vejo um homem mais velho muito grande de pé na porta do clube. Ele parece estar nos quarenta e poucos anos julgando pelo cabelo grisalho. Tem um cigarro pendurado na boca, e está usando óculos escuros que me impedem de ver seus olhos, mesmo sendo noite. Posso dizer pelo colete que é um membro do clube. Não o vi antes desde que sai a mais de um mês.

— Bundas doces não ficam aqui. Se procura ação, leve sua bunda ao bar na estrada. Alguns dos rapazes já estão lá à procura de diversão. — Me assusto com suas palavras grosseiras.

Lucias diz coisas sujas, mas sempre com doces palavras como “Baby, abra as pernas porque não terminei com você até que me dê pelo menos dois orgasmos e eu esteja no fundo dessa buceta que me pertence”.

— Não sei o que é uma bunda doce. — Leva tudo de mim para não virar a cabeça e olhar minha bunda. Lucias gosta da minha bunda. Não tenho certeza se a chamou de doce. Espera, ele me disse para levar meu doce traseiro na cama outra noite.

— Com certeza não parece uma. — Não sei se isso é uma coisa boa ou ruim por seu tom. Desta vez, olho. Estou usando leggings pretas e uma camiseta rosa brilhante. Meu cabelo está num coque bagunçado, sem maquiagem, e os óculos no nariz. Vesti-me rapidamente quando Lucias disse que tinha coisas para cuidar, então estaria aqui para pegar algumas coisas do seu quarto, em seguida, me levar para casa. Pensei que poderia entrar e esperar em sua cama. Nua. Não me preocupei com o que estava usando, porque ele gosta de mim nua, com o cabelo desarrumado e óculos.

O homem se desloca para o lado, e olho para dentro. Vejo algumas pessoas jogando sinuca. Parece uma festa.

— Lucias está aqui? — Vou olhar ao redor, mas ele bloqueia a vista com seu corpo.

— Provavelmente no bar da estrada à procura de algum traseiro. Por que não vai lá e verifica? — Ele aponta na direção do bar.

Suas palavras me atingem, e dou um passo para trás como se fisicamente me batesse. Não. Lucias não faria isso.

— Você está mentindo. — Recuou ainda mais.

— Você está certa, estou. Só pensei que assim seria mais fácil.

— Estou aqui para ver Lucias. Vou esperar em seu escritório ou no quarto. — Dou um passo para o homem, esperando que ele saia do caminho, mas ele só se inclina a cabeça, levantando as sobrancelhas como se estivesse dizendo *sim, com certeza*.

— Pres já tem um traseiro para a noite, mas se está precisando tanto assim de um pau, vou levá-la eu mesmo.

Desta vez, ele dá um passo em minha direção, e recuou tropeçando nos meus pés e caindo de bunda. O cascalho atravessa a fina leggings, e dor me faz gritar.

O homem vai ajudar-me, e tento bater em suas mãos, mas faz isso de qualquer maneira, facilmente me colocando de pé num movimento rápido.

Seus olhos vão para meu peito, então ele me libera e dá três passos para trás, como se de repente percebesse que tenho uma doença contagiosa.

— Izzy. — Ele diz meu nome como se não pudesse acreditar que sou eu. — Caralho. Por que você não me mostrou sua identidade quando chegou?

Olho as dog tags que Lucias colocou em mim depois da primeira vez que fizemos amor. Ele disse para não tirá-las, e estou as usando sob a minha camisa como um hábito. Elas devem ter saído quando caí. Ninguém deveria saber que estamos juntos. Ele disse para sermos discretos.

Pensou que era o melhor depois de eu ter dado queixa do meu irmão como pessoa desaparecida. Tinha que fazê-lo parecer desaparecido. Sei que ele estava bem, mas os policiais não podiam sequer desconfiar. Lucias foi a minha casa todas as noites ficar comigo, mas ontem à noite disse que a merda estava resolvida. Não mais se esconderia.

É por isso que pensei que estaria tudo bem eu aparecer, e realmente precisava falar com ele.

Eu levanto as tags e dou de ombros.

— Lucias as deu para mim. — Explico, não entendendo o problema.

— Sim. Significa que é sua propriedade.

— Propriedade de quê? — Solto as tags, e elas caem de volta no meu peito. Então pego minha bolsa, limpando o pó.

— Dos Ghost Riders.

— Ok. — Não estou realmente certa do que dizer sobre isso. Primeiro, ele tenta me dizer que Lucias está no bar possivelmente com uma mulher, então me diz que está lá dentro acompanhado. Sinto a garganta apertar, lágrimas ardentes em meus olhos.

É isso que está acontecendo lá dentro? Uma festa e ele simplesmente não quer que eu veja?

Ele não te convidou, uma voz disse no fundo da minha mente. Ele tinha coisas para lidar, disse, então me veria mais tarde. Não quero acreditar, mas é perfeitamente lógico.

Volto para meu carro. Não vou brigar para ver Lucias.

— Ei, você pode entrar. — O homem diz atrás de mim. Então o ouço murmurar “Caralho”.

Sinto as lágrimas caindo, e as limpo rapidamente. Posso ouvir o homem vindo em minha direção, o cascalho triturando sob as botas pesadas, e começo a andar mais rápido, não querendo encará-lo. Só quero sair daqui. Então ouço uma motocicleta e vejo um farol.

Lucias para atrás do meu carro, me bloqueando. Tirando o capacete, ele abaixa o suporte da moto e desce vindo direto para mim com preocupação no rosto. Sinto um puxão de alívio que ele não estava lá dentro. Que o homem na porta mentiu.

— Baby, o que está errado? — Posso ouvir a preocupação em sua voz. Sua mão segura meu queixo, fazendo-me olhá-lo. — Algo aconteceu? Pensei que iríamos nos ver na sua casa. — Ele olha em volta, o olhar passando por cima do meu ombro.

— O que aconteceu? Por que ela está indo embora? — Lucias rosna para o homem que supôs estar atrás de mim.

— Pres, eu não sabia que ela era sua até que ela cair... — O homem tenta explicar.

— Por que diabos ela parece estar chorando? — Lucias segue para o cara, mas agarro seu braço.

— Foda-se, apenas pensei que era uma bunda doce aleatória, e eu poderia resolver a situação.

— Entra! — Ele grita para o homem. Em seguida, olha para mim — O que ele disse?

— Não é nada. Vamos esquecer isso. Quero voltar para casa.

— Não gosto dessa merda.

— Está tudo bem, realmente. Tenho certeza que ele não quis dizer o que disse. Eu nem sequer entendi a metade.

— Não foi o que quis dizer. Não gosto de você dizendo que você tem sua casa, que nossos lugares não estão juntos, mas vamos resolver isso num minuto. Diga-me o que ele falou.

Não sei por que não quero dizer. Ok, talvez seja porque não quero parecer insegura. Lucias é como um deus do sexo. Não quero nem pensar sobre o tipo de mulheres que o procuram.

— Não há segredos, Izzy. Já disse essa merda. — Ele disse a algumas noites, quando chegou em casa parecendo ter saído do inferno. Todo coberto de sangue e machucado. Eu sabia. Quando comecei a limpá-lo, ele disse que se eu perguntasse, iria responder.

Estava na ponta da língua para fazê-lo. Apenas balancei a cabeça. Vi que ele não queria falar. Quando balancei a cabeça, ele me beijou e disse que se havia algo que quisesse saber, tudo o que tinha que fazer era perguntar. Que ele nunca iria manter segredos e esperava o mesmo. E agora ele perguntava.

— Algo sugerindo que estava com alguém. — Me embarcei antes de terminar. — Você sabe, aí dentro ou no bar.

Lucias solta um suspiro.

— Não, baby, ele disse essa merda, provavelmente, sem saber quem você era. Todo mundo sabe que te reivindiquei.

— Tem mulheres tentando te ver? — Pergunto, incapaz de me ajudar.

— Não posso dizer que temos mulheres batendo nas portas. É uma regra. Eu não deixo essa merda acontecer. Apenas pessoas autorizadas e membros.

Lá estava novamente.

— Você não me quer aqui? — Pergunto. Sei que concordamos em estar longe do público juntos, mas ele não me pediu para vir, mesmo à noite, quando poderia ter feito.

Agora ele parece não querer responder à pergunta. Dou um passo para trás. Estava

preocupada com isso. Realmente não me encaixo com um MC ou o que quer que sejam. Lucias não fala sobre eles e não fiz muitas perguntas.

Ele estende a mão, agarrando meu pulso e me puxando para perto.

— Foda-se, não é o que pensa. — Ele corre a outra mão pelo cabelo como se estivesse tentando encontrar as palavras. — Não queria te dividir ainda, e queria que me conhecesse antes de conhecer o presidente dos Ghost Riders. Inferno, você viu um monte naquela primeira noite que estive aqui e estou chocado que me deixou entrar, mas não queria empurrá-la. Tenho tentado fazer você se apaixonar por mim antes de ver o resto.

Ele se inclina para baixo, trazendo seu rosto para o meu.

— Você segue as regras e é porra de boa demais, mas sou egoísta e te quero, e tenho tentado me certificar que nunca vá fugir. Não importa o que veja.

Fecho a distância entre nós, moldando meus lábios nos dele. Lucias instantaneamente beija-me de volta, tomando o controle do beijo como sempre faz, empurrando em minha boca. Não sei há quanto tempo estamos juntos até ouvir alguém.

Lucias rosna, puxando a boca da minha. Viro-me para ver Cas de pé na porta.

— Não se preocupe. Bati em Bulldog por dizer merda a sua old lady. — Diz ela. Lucias apenas balança a cabeça. — Izzy, faça-me um favor e atire em ninguém. Finalmente tirei Vincent da minha bunda. Literalmente. Vamos deixar as armas descansarem.

Apenas aceno. Não a vi desde aquela noite, e parece realmente bem com o fato que atirei nela. Ela se vira e volta para dentro.

— Tudo bem, vamos fazer isso. — Lucias tira minha bolsa em seguida, segura minha mão, me puxando em direção à porta.

Eu paro.

— Eu te amo. — Digo, porque quero que ele saiba. Não importa o que veja do outro lado da porta, nada vai mudar. Se todas as coisas que ele está me contando sobre como se sente são verdadeiras, isso é tudo que me interessa.

Ele se vira para me olhar, então me puxa para ele mais uma vez. Sua ereção me cutuca.

— Não diz essa merda antes de ver meus irmãos. — Ele rosna, me fazendo sorrir. Lucias disse que me ama desde o início, mas pediu para eu não responder até ter certeza. Eu sabia, mas dizer era importante para ele. Ele queria me ouvir dizer quando realmente o

amasse, porque não iria nunca deixar-me ir uma vez que dissesse. Mas acho que foi uma mentira. Ele não iria me deixar abandona-lo. Fui dele desde a primeira vez que pôs os olhos em mim.

Estou na ponta do pé, dando-lhe um rápido beijo na boca, fazendo-o rosnar novamente.

— Vamos fazer isso para que possa me levar de volta para o seu quarto e manter-me cativa de novo. — Digo com confiança, perguntando por que eu mesmo duvidava dele momentos atrás. Não importa o clube. Combino com Lucias, e isso é o que importa.

Capítulo Quatorze

Lucias



Caminhando para o clube, seguro a mão de Izzy como se fosse minha tábua de salvação. Inferno, talvez seja. Ela vir aqui significa mais para mim do que jamais pensei que poderia, e não gosto de tê-la longe. Não a queria nessa vida, mas ela é minha, então não há nenhuma maneira de afastá-la.

Eu quis dizer o que disse sobre segredos. Vou contar-lhe tudo sobre esta vida e sem deixar nada de fora. Estou feliz que ela não perguntou porque não quero suja-la com a merda que o clube faz. Fazemos o que é preciso para proteger a nossa região e nossos negócios. Fazemos o que precisa ser feito para manter o dinheiro em nossos bolsos e manter nossa comunidade protegido dos merdas dos Five Aces. Não estou à procura de briga, mas quando alguém ameaça nosso território ou nossos bolsos, é hora de estabelecer a lei. Pessoas como eles respondem apenas a força, duro e rápido. Isso não acontece frequentemente, mas não somos escoteiros, e gostaria de manter Izzy limpa desta vida por quanto tempo puder.

Olho para trás e vejo Bulldog mantendo distância. Isso é provavelmente inteligente agora. Ele não sabia quem era Izzy, mas ainda gostaria de acabar com ele por fazê-la pensar que estava com outra pessoa.

Savage e Julie estão aqui esta noite, e ando até onde estão sentados ao lado da mesa de sinuca. Julie está prestes a dar a luz, mas ainda usa saia curta e top e está praticamente deitada no colo de Savage.

Quando nos vêem, noto Savage deslizar a mão debaixo de sua saia e trazer os dedos à boca. Julie não olha, obviamente, aproveitando o que quer que fosse Savage esteja fazendo sob sua saia.

Olho para Izzy, imaginando o que ela acha da cena em frente, e vejo seu rosto corar. Antes de chegar muito perto, a puxo para mim e sussurro em seu ouvido.

— Disse que alguns casais gostam de dar um show, às vezes. O que acha?

Sua ingestão de ar me faz pensar se acha demais. Ela era virgem na nossa primeira

vez, mas não é nem um pouco tímida sobre seu corpo e me dizer o que quer. Mas é uma coisa fazê-lo em privado e outro em público.

— Eu... Hum. — Ela hesita, e dou beijos em seu pescoço. — É meio sexy. — Finalmente admite.

— Nos imagine em seu lugar. Pensando sobre o que eu faria com você.

— Não sei se poderia fazê-lo num campo aberto assim.

Ela olha em torno do clube mal iluminado e vê grupos de pessoas tendo um bom tempo. Alguns estão jogando sinuca ou dardos, e alguns bebendo cervejas e assistindo o jogo. Depois, há alguns, como Casper e Vince, e Savage e Julie, que gostam de provocar de vez em quando. Pessoalmente, não me incomoda se os casais ficam em público, é como pornografia. Mas não poderia tomar Izzy na frente dos outros.

Não acho que Savage brincando com sua esposa é uma coisa ruim. Ele não pode ficar mais de cinco minutos sem colocar a boca nela. Assim, o fato de que há pessoas ao redor realmente não o incomoda. Ele esteve sem ela durante anos, então não pode parar. Ele quer que todos saibam que ela é dele e o que isso significa.

Estávamos no exército juntos, então não há muito que não vimos, de uma forma ou de outra. Vincent é um filho da puta ciumento quando se trata de Cas, mas no final do dia, ela é um cavalo selvagem que não vai ser quebrado. Se ela quer foder, ele está puxando o pau para fora. E isso inclui lugares onde qualquer um pode ver. Ele vai se dobrar a tudo o que ela quiser, mas isso nunca me faz questionar sua masculinidade. Qualquer homem disposto a foder sua mulher em público apenas para fazê-la feliz tem o meu respeito. Pra isso precisa ter bolas e não acho que tenha esse tipo de segurança. Apesar de respeitar Vincent.

Antes dele, Cas não seria pega sequer mostrando interesse por um homem na frente do clube. Isso mostra quão longe ela chegou. Acho que transarem em público é algo significativo, porque não é algo que Cas faria para qualquer um. Ela tem alguém e realmente quer que todos saibam. Nunca imaginei que isso iria acontecer num um milhão de anos.

— Não acho que quero você em público também. Se quiser assistir, eles não vão se importar, mas se não quiser, podemos seguir em frente. Eu dou qualquer atenção desde que te conheci. Você é a única que deixa meu pau duro.

Ela não respondeu de imediato. Só olhou para os dois. Julie está agora montando Savage, a saia empurrada para cima, e é claro com seu pênis dentro dela, mas não dava para ver. Você não vê, mas sabe. Isso me faz pensar em duas noites atrás, quando estava no sofá na

casa de Izzy e ela me montou. Me ajustei na calça jeans, imaginando os seios de Izzy saltando na frente do meu rosto. Sorrio, lembrando de tentar apanhar um mamilo na boca, mas ela estava se movendo muito.

Eu lambo sua orelha e vejo onde sua cabeça está.

— No que está pensando?

— Em mim te montando no sofá outra noite.

Ela se vira e me olha, os óculos de armação preta fazendo-a sexy pra caralho. Inclinando-me, lambo seus lábios e a beijo. Afasto-me sorrindo e balançando a cabeça.

— Eu também.

A puxo para mim, e nós olhamos por alguns momentos antes de eu tomar sua mão e levá-la. Não há necessidade de ver o final. Vou dar-lhe um em breve.

À medida que caminhamos para o bar vemos Cas e Vincent. Parece que fizeram uma competição. Cas nos puxa quando nos aproximamos, claramente tendo um bom tempo esta noite.

— Izzy, este é o meu homem. — Cas aponta para Vincent, e Izzy diz Olá. Não falamos que Izzy atirou em Cas, porque ele não seria tão rápido em perdoar.

— Quer virar tequila com a gente? Fizemos uma aposta.

— Quer dizer que vou ganhar uma aposta. — Casper o corrige.

— Sim, Mackenzie, está ganhando. Mas ainda posso virar. — Ele dá-lhe um beijo e volta a explicar o jogo. — Toda vez que tomar um shot, lança um dardo. Vai piorar com o tempo, mas o objetivo é chegar mais perto.

— Estamos cinco a cinco. — Cas diz e mexe o nariz. Não sei por que ela faz, mas ele não parecia se importar.

— Você vem, Izzy? — V pergunta.

— Não, obrigada. Estou apenas observando esta noite.

Cas acena para onde Savage e Julie estão aninhados agora, obviamente, tendo terminado o que começaram e segurando um ao outro.

— Parece que o show de abertura foi curto. — Ela dá um tiro na tequila e pisca para Vincent. — Significa que temos de ser o evento principal desta noite, tira.

Ele resmunga algo sobre competitividade, e ela se inclina, agarrando sua bunda

rosnando “meu”, e Izzy bufa com o riso.

Puxando-a para longe, a apresento mais caras do clube. Hoje à noite é quando pedimos a todos os membros para vir e ficar. Como uma noite do jogo em família onde fazemos um esforço para estar e permanecer unidos, tanto quanto possível.

Quando já percorremos ao redor da sala puxo Izzy para as escadas. Ela me olha com surpresa.

— Está tudo bem, baby?

Ela morde o lábio e olha em volta, nervosamente.

— Será que não quer ficar para o evento principal? — Ela pergunta, e suas bochechas viram beterraba.

Ri um pouco, aliviado que não fosse nada sério. A puxo para mim.

— Não bebê. Tenho certeza de que haverá outras oportunidades se seu coração sujo assim desejar. Estou pronto para levá-la lá em cima e fazer o nosso evento principal. Você está sexy pra caralho esta noite, e agora que já deixou que é minha, não estamos escondendo mais.

— O que quer dizer?

Vamos para meu quarto, e não respondo até chegarmos dentro e eu fechar a porta.

— Strip, baby. Quero o meu show particular.

Ela dá um sorriso malicioso quando agarra minha mão e me leva sentar na borda da cama. Quando dá um passo atrás e tira os sapatos, eu explico.

— Quero que estejamos juntos o tempo todo. Tenho este lugar, e tenho a casa na cidade. Acho que deve vender sua casa e viver comigo.

Ela faz uma pausa, com as mãos na parte inferior de sua camisa, levando um segundo para registrar o que eu disse.

— Elizabeth quero que tenhamos tudo. E isso começa com você do meu lado em todos os momentos.

Capítulo Quinze

Izzy



Lucias me joga na cama e fica em cima de mim.

— Lembro de um tempo atrás, antes que você entrar na minha vida, Savage teve sua última luta. Era sobre sua esposa, Julie.

— Ele teve que lutar pela própria mulher? — Pergunto, olhando enquanto ele paira sobre mim.

— Sim, longa história, mas ele fez isso apenas para resolver logo. Bateu no cara até ele desmaiar. — Ele sorri apreciando a memória. — De qualquer forma, as lutas podem ficar selvagens. Tipo o clube no andar de baixo. Sexo, bebidas, e assim por diante.

— Por favor, não me diga que você vai falar comigo sobre você ter sexo com...

Sua boca pousa na minha, silenciando-me. Ele puxa para trás, os olhos estreitos.

— Isso não é o que ia dizer porra. Não gosto de você pensando essa merda.

Apenas aceno, mordendo o lábio para não sorrir, porque ele parece chateado.

— Disse que não estive com ninguém desde que te conheci e tem sido assim há um tempo. — Ele levanta as sobrancelhas, desafiando-me a protestar. Quando vê que não vou, continua a história.

— Após a luta, Savage ficou tão agitado que tomou Julie ali. Provavelmente guiado pela adrenalina. Enfim, isso é uma merda tão comum nas lutas que ele realmente não era novidade para mim, mas fiquei vendo e fiquei excitado. Já tinha visto pessoas foderem antes e foi então que me bateu. Não era o sexo que estava me atraindo. Era o quanto precisavam um do outro. Estava com ciúmes e queria isso. Queria a coisa real. Então você tropeçou em minha vida.

— Acho que você tropeçou na minha. — Brinco, sorrindo para ele.

— Sabe que tive que comprar um cachorro apenas para ter uma desculpa para te ver? — Ele rosna.

— Não rosne sobre isso. — Acaricio seu rosto, correndo os dedos através da barba por fazer. — Costumava ficar tão irritado que continuasse tentando me convidar para sair, mas apenas mentia para mim mesma. Checava todos os dias se você estava na agenda, e os dias que não estava acaba triste pensando que talvez tivesse desistido.

— Eu nunca desistiria de você. — Ele se inclina para meu toque como se estivesse o saboreando.

— Tenho que dizer uma coisa. É uma espécie de por que vim aqui para começar. Você sabe, antes do Buldogue aparecer. — Lucias se senta, puxando-me, assim que estou montando seu colo. Faço um movimento para tentar levantar, mas ele só me prende mais. Não quero ver seu rosto quando dizer meu erro bobo. Alguém que trabalha no campo da medicina não deveria ser tão estúpido. Mas eu fui.

— Você está me assustando. — Ele me segura mais apertado, como se eu fosse fugir do quarto ou algo assim. Não acho que ele tem motivos para esse medo.

— Estou tomando a pílula. — Deixo escapar, fazendo-o franzir a testa. Não quero que ele pense que estava tentando engravidar de propósito.

— Nunca te vi tomar essa merda. — Ele parece bravo. Talvez esteja bravo que não tomei quando deveria ter tomado. Sua raiva faz isso muito mais difícil.

Não sei como responder, então não o faço, porque, bem, eu me esqueci. Mas foi em parte culpa dele com a coisa de sequestro. Ainda assim, deveria ter sabido. Deveria ter lembrado que não tomei o comprimido, mas em minha defesa, só o uso para me manter regulada. Não sou super rigorosa, porque não havia razão para ser. Até agora.

— Posso... — Tento sair de seu colo novamente.

— Não. — Diz ele, deixando claro que não vou sair e é inútil tentar argumentar.

Estreito os olhos, mas ele não faz nada. Nem sequer dá o meio sorriso que sempre tem quando fico um pouco irritada quando ele é mandão.

— Eu esqueci. — As palavras saem juntas. — Vocês me sequestraram e eu esqueci. Quando finalmente voltei para minha casa, eu não tomei algumas, e isso é sua culpa, também! Sempre tomo à noite, mas você vinha transar comigo até desmaiar e eu esquecia... — Termina gritando.

— Quando vai saber? — Pergunta ele, de forma muito baixa, o rosto ilegível.

— Eu já sei. — As palavras apenas saem.

— Diga isso, baby. Me tire dessa miséria.

— Miséria? — A palavra sai estrangulada, e posso sentir as lágrimas.

— Sim, miséria. Diz que eu te engravidei. Que está presa na minha vida. Que quando eu pegar esse anel que está abrindo um buraco no bolso pela última semana, você não terá nenhuma escolha a não ser dizer sim.

— Você quer casar comigo?

— Baby, eu te marquei. Isso é tão bom quanto casar. — Sua mão vem para mim, pegando a dog tag no meu pescoço. Notei que Julie e Vincent e algumas mulheres no térreo também usavam. — Isso significa que você é minha. Pode entrar e sair do clube quando quiser. Não damos isso a ninguém, a menos que a pessoa te pertença. — Ele se inclina, dando um beijo em meus lábios. — Para sempre.

Uma lágrima desliza, mas percebo que estou chorando por um motivo diferente. Lucias a beija.

— Não chore. Não gosto dessa merda. — Ele rosna quando para as lágrimas, me fazendo rir.

— Diga. — Ele pressiona.

— Estou grávida.

Suas mãos grandes cobrem meu rosto, me segurando enquanto sua boca devora a minha.

— Você está feliz. — Digo sem fôlego quando finalmente ele se afasta.

— Você me deu algo que nunca pensei que teria. — Ele descansa a testa na minha como se estivesse saboreando o momento.

— Eu nunca quis o clube. — Ele finalmente diz depois de algum tempo. Ele se afasta para me olhar nos olhos, com o rosto sereno. — Eu amo meu pai, mas este lugar começou a desmoronar depois que ele perdeu minha mãe.

Eu posso ver a dor em seu rosto, e trago minhas mãos para seu peito, fazendo pequenos círculos.

— Eu tinha treze anos quando ela morreu. Foi duro, mas inferno, quase matou meu pai. Ele parou de passar tanto tempo em casa e cada vez mais no clube. Não que eu o culpasse. Ela estava na casa. Em todos os lugares que olhava, via minha mãe, então fiz a mesma coisa quando fiz dezoito. Alistei-me para sair daqui.

Envolve as mãos em seu pescoço, querendo segurá-lo.

— Ele ficou pior com o tempo. Então soube que ele morreu, também.

— Oh, Lucias. — Ele está quebrando meu coração. Perdi meus pais, também, mas eu nem sequer os conhecia.

— Ele tinha ido embora muito antes disso. Ele morreu com ela. Depois que ela se foi. O clube estava cheio de drogas e sexo. Foi por água abaixo e não conseguia encontrar uma unidade para voltar. Em seguida, Savage se ferrou no Afeganistão, e voltamos para casa. Precisávamos de algo. Eu queria levantar este lugar novamente, então o fiz. Nós limpamos tudo. Expulsamos cada lixo e mudamos as regras. As drogas foram embora; não queria essa merda. Assim como as mulheres. A menos que seja marcada, sua bunda não entra nessas portas. Só queria que as pessoas fossem confiáveis para estar aqui. Não temos mulheres correndo ao redor do clube. Você tem que pertencer para isso. — Diz ele. E tudo faz sentido agora.

— Quando voltei todo o foco era sobre o clube. E bem, Savage nunca quis uma mulher porque só tem olhos para Julie. Em seguida, houve você. O que estava querendo desde antes de me alistei. Uma família. Construí um novo clube. Todo mundo aqui é minha família, mas estava faltando algo. Soube no momento que coloquei os olhos em você que era isso. Porra. Já me matei para consertar esse lugar e soube naquele momento que fiz isso para deixá-lo pronto para você. Fiz tudo isso para que quando te tivesse, minha merda estar resolvida e eu pronto para você.

— Deus, te queria por tanto tempo, também. — Me inclino, descansando a cabeça em seus ombros. Ele envolve os braços em mim. — Desde que era garotinha queria isso. Queria o que todas as outras crianças tinham, mas fiquei perdida nos livros e no computador. Com medo de ter uma chance. De me machucar.

— Nunca vou machuca-la, e vou matar qualquer um que tentar.

Capítulo Dezesseis

Lucias



Deitei Izzy na cama e fiquei por cima dela. Lentamente tirei nossas roupas, precisando estar pele com pele. Estivemos muito tempo longe, e agora tudo que sempre quis está em meus braços.

Beijando a pele sedosa, movo meus lábios em sua barriga. Acaricio ali, dando meu agradecimento a tudo o que está olhando por nós que ela está carregando meu bebê. Descansando o rosto em sua barriga fecho os olhos. Sei que é muito cedo para sentir o bebê, mas quero queimar essa memória no meu cérebro. O dia que ganhei minha família.

As mãos dela tocam meu cabelo, e os dedos o percorrem. Eu gemo contra seu ventre, e ela solta um risinho. Então coloco meus lábios contra a pele e sussurro palavras de amor e devoção a este pequeno bebê e sua mãe.

Continuo beijando entre as coxas de Izzy e jogo suas pernas por cima do meu ombro. Preciso fazer amor com todo seu corpo esta noite, mostrando o que não pode ser colocado em palavras. Sei fazer um monte de coisas bem. Pode reconstruir uma moto, sou o melhor no comando, e posso fazer qualquer coisa se você me disser que não posso. Mas encontrar palavras para dizer Izzy o quanto ela significa para mim parece impossível.

Entrelaço nossas mãos enquanto como sua buceta, sentindo meu anel de noivado em seu dedo. Sabendo que ela é minha e sempre será conserta algo em meu coração que eu não sabia estar quebrado. Tê-la e ter um bebê juntos é um sonho que nunca pensei que poderia realizar, e agora estou segurando nas mãos.

Provo seu doce mel e chupo o clitóris que é a cereja do bolo perfeito de porra. A chupo, sem provocação. Seu orgasmo atinge minha língua e apreciou a pura perfeição. Quero ser bom para ela e para nosso bebê.

Quando seu corpo está relaxado e ela prendeu a respiração, dou a vagina um último beijo antes de rastejar até chegar a sua boca. Preciso estar dentro dela, tanto quanto possível.

— Eu te amo, Elizabeth.

Olhando em seus olhos, vejo rastros de lágrimas felizes quando ela sorri. Envolver meus braços em torno dela quando afundo lentamente. Beijo suas lágrimas. Não estamos com pressa para terminar. Meus movimentos dentro e fora de seu corpo são lentos e pacientes. Estamos construindo algo maior que um orgasmo entre nós. Estamos construindo um vínculo inquebrável.

— Também te amo, Lucias.

Quando seu polegar toca meu rosto molhado, percebo que fui pego no momento, também. Sinto o poder do que criamos, do que está por vir, e é esmagadoramente belo. Nosso amor feito neste momento, e o amor que vai estar existir nos próximos cem anos. Algo assim não acontece todo dia, e está me mudando para melhor.

Meu pau dentro e fora dela é delicioso. Posso sentir cada cume do meu eixo penetrar seu canal apertado, esticando-a para acomodar meu tamanho. Cada pulsar quente da sua boceta molhada faz meu batimento ganhar velocidade. Estou determinado a ir devagar. Quero que esse momento seja saboreado, e eu me recuso a fode-la como um animal.

— Lucias. — Izzy sussurra, e percebo que fechei os olhos para me concentrar.

Quando olho para baixo, vejo a necessidade em seu rosto. Ela parece quase com dor.

— Por favor, Lucias. Eu preciso de mais. Mais forte.

A última palavra é sussurrada, e balanço a cabeça enquanto aperto os dentes. Se tentar falar, vou ceder e começar a fode-la. Este momento deve ser especial. Não importa quão porra é difícil me segurar.

Sinto suas pernas ao redor da minha cintura me puxando para ela bruscamente. Deixo escapar um longo gemido com o contato, e me prender nela por um momento.

— Eu te amo, amor. Mas se não me foder como se sua vida depende do próximo impulso, juro pela sua moto, que vou nos rolar e te ensinar como faz.

Deixei escapar uma gargalhada. Não posso ajudá-lo. Minha linda futura esposa é exigente, e vou dar o que ela quer. Como sempre faço e sempre farei.

— Sim, senhora. Minha doce Elizabeth.

Faço como ela quer. Nós dois soltamos um gemido de satisfação. Meu pau está dentro, mas seus quadris pedem mais. Sua vagina é apertada e molhada, fazendo meu pau escorregar. Levando a mão entre nós, seu o clitóris, fazendo-a apertar-me mais.

— É isso aí, amor. Goza no meu pau. Eu sou seu, baby, exatamente como você é

minha.

Suas mãos seguram meus ombros firmemente, enquanto os quadris saem da cama para me foder. Ela está com tesão, e não tenho escolha além de satisfazer sua necessidade. Leva apenas mais três fortes golpes antes dela está cobrindo meu eixo com seu creme e gemendo.

Minha boca cai na dela quando meu nome escapa de seus lábios. Nos abraçamos tão firmemente quanto possível com nossos orgasmos se misturando. Em um ponto, não sei onde termino e ela começa. Só sei que estamos juntos.

Sussurro palavras de devoção quando a seguro e começamos a fazer amor novamente. Desta vez, juro que vou devagar. Não importa o quanto ela implora. Pelo menos é isso que digo a mim mesmo.

Epílogo

Izzy

Dois anos depois...

Lucias vem atrás de mim e envolve seus braços em volta da minha barriga crescendo. Estamos esperando nossa segunda menina, e ele está tão animado que mal posso suportar.

— Qualquer dia agora. — Ele canta no meu ouvido, e eu apenas sorrio.

As coisas são tão fáceis entre nós. Caímos no nosso ritmo, mas ainda parece recente. O tesão ainda está entre nós, e o lado doce desse meu cavaleiro áspero ainda é forte.

Vendemos a casa da minha avó porque ela tinha muitas memórias, e ao longo do tempo, as más superaram as boas. Lucias tinha uma casa construída para nós na propriedade do clube. O lugar era enorme, por isso mesmo que perto, ainda temos nossa privacidade. Nossa filha, Amelia, ama aqui. Todos nós amamos.

Diminui minha carga horaria, trabalhando apenas três dias por semana. Lucias quer que eu pare completamente, mas não acho que possa fazer isso. Tanto quanto amo meus bebês, gosto de ter um propósito além de ser mãe. Além disso, com a forma como Ham ama ir trabalhar comigo, iria quebrar seu coração de cão.

Lucias vem na minha frente, toma a cesta de roupa, e começa a dobrar. Nunca teria pensado que ele era do tipo doméstico, mas estava tirando de letra a paternidade. Ele sempre foi um bom homem, mas era um pai incrível.

Ele olha para onde Amelia está brincando e sopra-lhe um beijo. Ela ri e volta para a construção de um forte em torno de Ham, e reviro meus olhos. Ele está dormindo, então não é como se ligasse.

— Você está bem? — Lucias pergunta, dando-me um olhar simpático.

Aceno com a cabeça e dou um sorriso suave.

Dois dias atrás, um artigo no jornal chamou minha atenção. O corpo de meu irmão foi encontrado numa casa abandonada, na Califórnia. Aparentemente overdose. Em algum lugar no fundo da minha mente, eu esperava que ele fosse capaz de ficar limpo e viver a vida. Mas que a droga o dominava. Perdi meu irmão há muito tempo; esta foi apenas a última página de sua história. Em vez de me deter sobre isso, tento concentrar-me nas boas

lembranças que tenho e não deixo que sua morte seja o que o define. Ele era meu protetor quando garotinho, e sempre vou vê-lo dessa forma. E de certa forma, ele me levou a Lucias, então sempre vou ter que agradecer.

— Estou pensando em comida mexicana para o jantar. — Digo, esfregando a barriga.

— Qualquer coisa que quiser, Elizabeth. — Lucias diz, se aproximando e me segurando.

Meu homem sempre sabe exatamente o que preciso, mesmo antes de eu fazer.

— Quer que chame Casper e Vince? Sabe que eles nunca esquecem a tequila.

Eu ri e acenei.

— Certo. Mas só se Cas parar de prometer a Amelia uma arma no Natal.

Ele ri quando coloco a mão em seu peito e esfrego sobre o coração. Olhando em seus olhos, penso sobre quão sortudos somos. Ele rosna, e sinto a vibração com as palmas das mãos, aquecendo meu interior. Ele sabe o que esse som faz para mim, especialmente quando está entre minhas pernas. Inclinando-se, ele dá um beijo em meu pescoço e lambe a concha da minha orelha.

— Quando é hora do cochilo? — Pergunto, um pouco ofegante. Ele me morde, e tremo.

— Agora.

Fim



Notas

[←1] Jogo online de computador onde os jogadores podem interagir

